

ANÁLISE DOS REMANESCENTES DE PINÍPEDES (CARNIVORA - OTARIIDAE) EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Suliano Ferrasso¹

Pedro Ignácio Schmitz²

Pedro Volkmer de Castilho³

César Jaeger Drehmer⁴

Larissa Rosa de Oliveira⁵

RESUMO

Os pinípedes são carnívoros marinhos que iniciam sua história evolutiva no Oligoceno tardio, em torno de 22,5 milhões de anos. Eles ocorrem em praticamente todos os oceanos do mundo e vem interagindo com populações humanas desde a pré-história em várias regiões do globo. Para a costa brasileira já foram registradas oito espécies de pinípedes, das quais sete já foram encontradas no litoral do Rio Grande do Sul (RS). A partir da análise de remanescentes ósseos resgatados em sítios arqueológicos, sugere-se que os registros pretéritos de pinípedes na costa do Brasil estariam associados aos depósitos do Quaternário. Para o RS são poucos os trabalhos versando sobre osteologia de pinípedes, na maioria são estudos cranianos com amostras atuais sobre diagnose ou ainda dimorfismo sexual, mas muito pouco relacionado à remanescentes arqueológicos. Neste sentido é necessário um aprofundamento sobre a composição das espécies, abundância de indivíduos, ocorrência e tipo de interação destas espécies com grupos humanos pré-históricos. Para tanto o presente estudo foi realizado em cinco sítios arqueológicos do litoral Norte do Rio Grande do Sul (LNRS), localizados entre Xangri-lá (29°47'23.72"S; 50°02'18.24"W) e Arroio do Sal (29°27'0.27"S; 49°49'1.74"W), os quais estavam vinculados à Tradição Sambaqui. O método de prospecção (escavação) seguiu o de cortes horizontais artificiais nivelados, aprofundando verticalmente, formando níveis artificiais sucessivos para assegurar a profundidade e origem dos remanescentes faunísticos. O volume de material prospectado nos cinco sítios variou entre 0,30 m³ e ± 15,18 m³. Neste estudo, foram selecionadas seis quadrículas com remanescentes faunísticos dos cinco sítios para análise, cada uma diferindo em tamanho e espessura estratigráfica arqueológica. Todos os remanescentes ósseos encontrados em cada quadrícula foram coletados nas trincheiras escavadas e levados para triagem e tombamento na Reserva Técnica de Arqueologia do Instituto Anchietao de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos (IAP-UNISINOS). Durante a triagem em laboratório foram selecionados para este estudo exclusivamente os remanescentes de pinípedes,

¹ Mestre em Biologia-Diversidade e Manejo da Vida Silvestre. Laboratorista no Instituto Anchietao de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos. sferrasso@unisinos.br – suliano.ferrasso@gmail.com

² Doutor em História e Geografia. Pesquisador Sênior CNPq. Coordenador do Instituto Anchietao de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos. anchietano@unisinos.br - pedroignacioschmitz59@gmail.com

³ Doutor em Zoologia. Centro de Ensino Superior da Região Sul, Universidade do Estado de Santa Catarina. volkmerdecastilho@gmail.com

⁴ Doutor em Biologia. Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética, Universidade Federal de Pelotas, Câmpus Capão do Leão. cjaeger@terra.com.br

⁵ Doutora em Biologia. Laboratório de Ecologia de Mamíferos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul. larissaro@unisinos.br

com base na comparação com esqueletos de espécimes de espécies atuais e da literatura. Como resultado de riqueza taxonômica sob a ótica da zooarqueologia (NISP), foram encontrados 159 remanescentes de pinípedes nos sítios do LNRS, totalizando um número mínimo de indivíduos (MNI) de 17 espécimes. O sítio RS-LN-19 de Xangri-lá apresentou o maior NISP com 130 remanescentes, unicamente da família Otariidae e com pelo menos duas espécies identificadas (*Arctocephalus australis* e *Otaria flavescens*). A análise dos remanescentes ósseos do gênero *Arctocephalus* revelou o predomínio de indivíduos jovens, e adultos em *O. flavescens*. Este resultado na composição pretérita das espécies de pinípedes encontrados nos sambaquis no litoral do RS sugere que são as mesmas que ocorrem na atualidade, além de indicar que as antigas populações humanas já interagiam com estes animais. Contudo, não se descarta a hipótese de que otariídeos antárticos e subantárticos também tenham ocorrido na região no passado, já que em alguns casos só foi possível chegar até a identificação de gênero nos remanescentes analisados. Por fim, é importante salientar que em 19,53% (n = 25) dos remanescentes ósseos encontrados, foram identificadas marcas de manipulação antrópica como corte (pequenas incisões oblíquas, transversais e subparalelas) e 5,46% (n = 7) coloração enegrecida possivelmente oriunda da queima. Desta forma sugere-se que as antigas populações humanas do LNRS poderiam utilizar os pinípedes como recurso alimentar ocasional.

Palavras-chave: Mamíferos Marinhos. Osteologia. Zooarqueologia.

ABSTRACT

Pinnipeds are marine carnivores that emerged in the late-Oligocene, around 25 million years ago. They occur in virtually every ocean in the world and have been interacting with human populations since prehistory in various regions of the globe. For the Brazilian coast eight species of pinnipeds have already been recorded, of which seven have been found on the coast of Rio Grande do Sul. Based on the analysis of bone remnants recovered at archaeological sites, it is suggested that the past records of pinnipeds on the coast of Brazil would be associated with Quaternary deposits. For the Rio Grande do Sul state coast there are few studies on osteology of pinnipeds, mostly diagnostic or sexual dimorphism studies base on skull samples of current species but there is very little information related to archaeological remnants of pinnipeds. In this context, it is still necessary the analyses of the species composition, abundance of individuals, occurrence and type of interaction of these species with prehistoric humans in the region. The present study was carried out in five archaeological sites on the north coast of Rio Grande do Sul (NCRS), between Xangri-la (29 ° 47'23.72 "S, 50 ° 02'1824" W) and Arroio do Sal 29 ° 27'0.27 "S, 49 ° 49'1.74" W), which were linked to the Sambaqui Tradition. The method of prospecting (excavation) was used in order to obtain several artificial horizontal levels, deepening vertically, forming successive artificial levels to assure the depth and origin of the faunistic remnants. The volume of material prospected at these five sites ranged from 0.30 m³ to ± 15.18 m³. In this study, six squares with faunal remnants of the five sites were selected for analysis, each differing in size and archaeological stratigraphic thickness. All the bone remains found in each square were collected in the excavated trenches and taken to the Archaeological Technical Reserve of the Instituto Anchieta de Pesquisas / Vale do Rio dos Sinos (IAP-UNISINOS). During the laboratory screening, only the remnants of pinnipeds were selected for this study, based on the comparison with skeletons of specimens of current species and the literature. As a result of taxonomic richness from the perspective of zooarchaeology, 159 remnants of pinnipeds were found as number of identified specimens (NISP) in the NCRS sites, totaling a minimum number of individuals (MNI) of 17. The RS-LN-19 site of Xangri-la presented the largest NISP, with 130 remnants only for the Otariidae Family, and with at least two identified species (*Arctocephalus australis* and *Otaria flavescens*). The analysis of the bone remnants of the genus *Arctocephalus* revealed the predominance of young individuals, and mainly adults of *O. flavescens*. This result in the past composition of the pinniped species found in the sambaquis in the RS coast suggests that they are the same that occur today, besides indicating that the ancient human populations already interacted with these animals. However, it is not ruled out that Antarctic and subantarctic antarctic have also occurred in the region in the past, since in some cases it was only possible to identify until the genus in the

remnants analyzed. Finally, it is important to note that in 19.53% (n = 25) of the remaining bone remnants, anthropic manipulation marks were identified as cut (small oblique, transverse and subparallel incisions) and 5.46% (n = 7) blackened spots, possibly due to burning. In this way, it is suggested that the ancient human populations of NCRS could use pinnipeds as an occasional food resource.

Keywords: Marine Mammals. Osteology. Zooarchaeology.

INTRODUÇÃO

O termo pinípede deriva do latim, pés em forma de pena (*pinna*: pena, asa, e *podos*: pés) refere-se aos membros locomotores modificados de lobos-marinhos, leões-marinhos, focas e morsas, os quais estão adaptados ao ambiente marinho. Antigamente esta adaptação provocou muita discussão sobre sua posição filogenética, tendo sido separados como carnívoros aquáticos na subordem Pinnipedia, dos carnívoros terrestres da subordem Fissipedia (Ledje, 1995; Berta, Sumich, Kovacs, 2006). Atualmente todos os pinípedes estão incluídos na Ordem Carnivora (Ledje, 1995; Rice, 2008).

Os pinípedes descendem de carnívoros terrestres (e.g. Família Ursidae), dos quais começaram a se diferenciar durante o Oligoceno Tardio (Barnes *et al.* 1985; Árnason *et al.* 1995). Drehmer (2000) dentro de uma perspectiva histórica discute com base nos dados disponíveis até então a origem do grupo, a partir desta perspectiva, sugeriu que a hipótese mais parcimoniosa seria a de uma origem única, ou seja, monofilética para o grupo. Revisando a história evolutiva da ordem Carnivora, Nyakatura e Bininda-Emonds (2012) indicaram os momentos em que ocorrem divergências filogenéticas entre as famílias do grupo. O grupo dos pinípedes iniciou sua história evolutiva há aproximadamente 22,5 milhões de anos (M.a.), com seu ancestral comum dando origem a duas linhagens principais que vão se ramificando ao longo do tempo dando origem a diversidade observada atualmente (Nyakatura, Bininda-Emonds, 2012). Analisando a origem dos pinípedes, baseados em distintas abordagens (e.g. morfologia comparativa, investigações moleculares e análises de registros fósseis), Koretsky, Barnes e Rahmat (2016) expõem que este tema tem sido recorrentemente debatido quanto aos pinípedes serem monofiléticos ou polifiléticos, e consideram que a origem da ordem seria monofilética.

Os pinípedes são animais que vivem grande parte de sua vida no ambiente aquático, e ocorrem em praticamente todos os oceanos do mundo (Forcada, 2008). No Brasil ocorrem principalmente na região Sul, embora existam registros em outras regiões, onde são bem menos frequentes (Pinedo *et al.* 1992; Oliveira, 2013; Silva *et al.* 2014; Frainer, Heissler, Moreno, 2018).

Os pinípedes são carnívoros altamente especializados ao ambiente aquático, ocorrendo em ampla variedade de habitats marinhos, e ainda alguns em água doce (Jefferson, Leatherwood, Webber, 1993). Dentro do grupo o comportamento migratório é habitual em muitas das suas espécies, e o aspecto de dispersão é fortemente influenciado pela disponibilidade e distribuição de presas, sazonalidade e sua condição física. Muitas ações antrópicas vem afetando a distribuição dos mamíferos marinhos, muitos destes fatores estão relacionados a modificações ambientais, poluição dos ambientes costeiros, interação com a pesca e exploração comercial (Forcada, 2008).

Atualmente nos pinípedes estão incluídas 35 espécies viventes, que se distribuem nas famílias Odobenidae (morsas) com uma espécie, Phocidae (focas) com 19 espécies e Otariidae (lobos e leões-marinhos) com 15 espécies (Árnason *et al.* 1995; Berta, 2008; Nyakatura, Bininda-Emonds, 2012), sendo que a primeira família não possui registros para o Brasil e está restrita ao círculo polar Ártico (Bininda-Emonds, 2012).

Para o Brasil Paglia *et al.* (2012) registram 33 espécies da ordem Carnivora, distribuídos em 23 gêneros e sete famílias, sendo que sete táxons são marinhos. Recentemente Frainer, Heissler e Moreno (2018) registram a ocorrência de mais uma espécie de carnívoro marinho para a costa brasileira, a foca-de-Weddell (*Leptonychotes weddellii*). Com relação às ocorrências históricas dos pinípedes se destacam as revisões, de Pinedo (1990), Pinedo *et al.* (1992) e Oliveira (2013), onde confirmam a presença de sete espécies, além de comentar aspectos da biologia dos táxons.

Em uma revisão apresentada por Oliveira (1999), foram caracterizados os padrões de ocorrência dos táxons entre os anos de 1993 e 1998. Neste mesmo sentido, Silva (2004) apresenta uma revisão dos registros entre os anos de 1993 e 2004. Atualmente são reconhecidas a ocorrência de oito espécies de pinípedes para a costa brasileira (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Paglia *et al.*, 2012; Oliveira *et al.*, 2013; Frainer, Heissler, Moreno, 2018). A este grupo são atribuídas duas famílias, Otariidae, com quatro espécies, e Phocidae, com quatro espécies (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Paglia *et al.*, 2012; Frainer, Heissler, Moreno, 2018). Para a região Sul do Brasil, Pinedo (1990), Pinedo *et al.* (1992) registram sete espécies, e Simões-Lopes *et al.*, (1995) registram seis espécies de pinípedes entre os anos de 1984 e 1993.

Os registros históricos na costa gaúcha para os Otariidae são das espécies *Arctocephalus australis* (lobo-marinho-sul-americano), *A. tropicalis* (lobo-marinho-subantártico), *A. gazella* (lobo-marinho-antártico) e *Otaria flavescens* (leão marinho-sul-americano), para os Phocidae as espécies *Mirounga leonina* (elefante-marinho-do-sul), *Lobodon carcinophaga* (foca-caranguejeira), *Hydrurga leptonyx* (foca-leopardo) e *Leptonychotes weddellii* (foca-de-Weddell), sendo as espécies mais frequentes *A. australis* e *O. flavescens* (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Drehmer *et al.*, 1998; Oliveira, 2013; Silva *et al.*, 2014; Frainer, Heissler, Moreno, 2018).

Os pinípedes chegam ao litoral do Rio Grande do Sul, majoritariamente entre as estações de outono até a primavera, ocorrendo principalmente no inverno, favorecidos em seus deslocamentos sobretudo pela Corrente das Malvinas, e não há indícios de que ocorram colônias reprodutivas nesta região (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Oliveira, 2008, 2013; Silva *et al.*, 2014). Dos pinípedes que ocorrem na costa do Estado do Rio Grande do Sul, as duas espécies com maior número de registros são as sul-americanas, *A. australis* e *O. flavescens*, as quais estabeleceram colônias reprodutivas mais próximas do Brasil, na região costeira do Uruguai nas adjacências do litoral gaúcho. E frequentam habitualmente duas áreas, atualmente regularizadas como unidades de conservação categorizadas como Refúgios de Vida Silvestre (REVIS): em Torres, REVIS da Ilha dos Lobos e no REVIS Molhe Leste de São José do Norte (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Oliveira, 2013; Silva *et al.*, 2014). Oliveira (1999) ao avaliar a idade com base nos grupos de linhas de crescimento de 116 dentes de cinco espécies de pinípedes constatou a existência de todas as categorias etárias nos otariídeos do RS e um elevado número de indivíduos juvenis, com exceção de *Arctocephalus tropicalis*, que possuía mais registros de adultos. O único exemplar de focídeo registrado, *Mirounga leonina*, era um macho juvenil.

Os registros pretéritos da ocorrência de pinípedes de espécies da família Otariidae, na região costeira do Brasil, no litoral de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estão associados a depósitos do Quaternário. Em estratos de época do Holoceno Médio, inferências estas com base em remanescentes ósseos resgatados em sítios arqueológicos que foram datados entre 5.020 e 900 A.P. (e.g. Castilho e Simões, 2008b; Afonso, Blasis, 1994; De Masi, 2001; Bandeira, 2004; Fossari, 2004; Oliveira, 1996;

Schmitz e Verardi, 1996; Schmitz *et al.*, 1992; Schmitz *et al.*, 1993; Schmitz e Bitencourt, 1996; Rogge e Schmitz, 2010; Lima, 2000).

Tiburtius, Leprevost e Bigarella (2011) descrevem a ocorrência de bulas timpânicas de cetáceos em sítios arqueológicos do litoral Sul do Paraná e Norte de Santa Catarina, em alguns casos estes ossos serviram de base para confecção de artefatos, muitos de formato fusiforme, provavelmente ligados a atividades de pesca e coleta. Em dois sítios arqueológicos, Porto Rio Vermelho e Rio do Meio, localizados na ilha de Santa Catarina, Castilho e Simões-Lopes (2001) identificaram nove espécies de mamíferos aquáticos e três semi-aquáticos, com predomínio das espécies marinhas, sugerindo captura ocasional destes. Castilho (2005) e Castilho e Simões-Lopes (2008b) identificaram três espécies de pinípedes (*O. flavescens*, *A. australis* e *A. tropicalis*) e nove de cetáceos em 11 sítios arqueológicos (Enseada I, Espinheiros II, Morro do Ouro, Cabeçudas, Laranjeiras I e II, Rio do Meio, Porto Rio Vermelho, Armação do Sul, Tapera e Pântano do Sul) com idades entre 4.000 e 1.500 A.P. no litoral Centro-Norte de Santa Catarina, onde se discute o papel destes mamíferos na economia destes grupos pré-históricos. Ainda no litoral Centro-Norte de Santa Catarina, em seis sítios arqueológicos (Porto Rio Vermelho, Pântano do Sul, Morro do Ouro, Laranjeiras I, Espinheiros II e Armação do Sul) foram identificadas 10 espécies de cetáceos, e verificada a interação das antigas populações humanas com estas espécies a partir de marcas de corte e queima nos ossos (Castilho, 2008a). Posteriormente, Castilho e Simões-Lopes (2008a) avaliando remanescentes de 11 sítios arqueológicos da costa Norte-Centro catarinense (Enseada I, Espinheiros II, Morro do Ouro, Cabeçudas, Laranjeiras I e II, Rio do Meio, Porto Rio Vermelho, Armação do Sul, Tapera e Pântano do Sul), com idades entre 5.020 e 1.170 A.P., buscaram compreender a interação dos ocupantes pré-históricos com a fauna através de um estudo sobre as modificações ósseas (e.g. marcas de corte, marcas de queima e confecção de artefatos).

Na região costeira do Rio Grande do Sul existem alguns registros da presença de pinípedes em sítios arqueológicos. No litoral Norte a partir da análise de remanescentes da fauna do sítio arqueológico RS-LN-201 em Torres (Jacobus, Gil, 1987; Gazzaneo *et al.*, 1989; Rosa, 1996) e no sítio RS-LN-285 em Arroio do Sal (Ferrasso *et al.*, 2013) foram identificados fragmentos ósseos atribuídos a espécimes da família Otariidae. Rosa e Jacobus (2009) revisaram a ocorrência de mamíferos presentes em sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul, onde é citada a presença de *Arctocephalus* sp., em três sítios arqueológicos costeiros (RS-LN-201, RS-LN-17 e RS-LN-19), ambos no Litoral Norte.

Existem também estudos zooarqueológicos para a costa da Argentina, onde foram identificados remanescentes ósseos de Otariidae na província de Buenos Aires (Acosta, Loponte, 2013) e fragmentos de *Arctocephalus* sp. e *Otaria flavescens* em sítios arqueológicos ao longo da costa das províncias de Rio Negro, Chubut e Santa Cruz (Borella, 2006, 2014). Na costa meridional da Patagônia no sítio Cabeza de Leon 1 com o trabalho de Muñoz (2015), e em sítios da região de Punta Entrada com Muñoz *et al.* (2013) e Cruz *et al.* (2015). Cruz, Muñoz e Lobbia (2010) na região de Santa Cruz, em Punta Entrada e Monte León, também identificaram remanescentes de espécies de otariídeos. Na costa Sul do Chile, ao longo do Estreito de Magalhães, os trabalhos de San Román (2010) no sítio Santa Ana 1 e Morello *et al.* (2015) no sítio Punta Baja 7, encontraram também remanescentes da família Otariidae. De acordo com Schiavini (1993) ocorreram na província da Tierra del Fuego, nos sítios Lancha Packewai, Túnel I e Túnel VII evidências de consumo de pinípedes (*A. arctocephalus* e *O. flavescens*).

Destacam-se para a região costeira do Rio Grande do Sul dois projetos de investigação arqueológica desenvolvidos de forma sistemática pelo IAP-UNISINOS, que forneceram um panorama acerca da ocupação humana pré-histórica.

No projeto 'Quintão: formas Pré-Coloniais de Estabelecimento e Economia no Litoral do Rio Grande do Sul', foram identificados 22 sítios arqueológicos no litoral médio (Rogge, 2006). As datações obtidas nos sítios RS-LC-97 em 2.170 ± 70 A.P. (Beta-200073) e RS-LC-96 com 1.760 ± 60 A.P. (Beta-206106) foram relacionadas aos grupos pré-cerâmicos; no sítio RS-LC-82 foram obtidas as datas de 1.900 ± 40 A.P. (Beta-206105) pré-cerâmica e 563 ± 45 A.P. relacionada ao grupo ceramista Tupiguarani. No sítio RS-LC-80 foi estimada uma data de 280 ± 50 A.P. (Beta-202366) associada a ceramistas Tupiguarani (Rogge, 2006). No litoral Norte do RS, o projeto 'Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica' na região identificou 61 sítios arqueológicos vinculados a grupos pré-cerâmicos e portadores das tradições Tupiguarani e Taquara (Rogge e Schmitz, 2010). As datações obtidas para a região são de $3.660 \pm$ A.P. (Beta-263432) no sítio RS-LN-319, 3.310 ± 40 A.P. (Beta-263433) no RS-LN-279 e 3.050 ± 40 A.P. (Beta-247954) no RS-LN-312, ambas atestaram o início da ocupação pré-cerâmica (Rogge e Schmitz, 2010). As datações obtidas nas áreas sugeriram a presença humana pré-histórica na região a mais de 3.000 anos, com diferentes manifestações culturais reconhecidas arqueologicamente.

A arqueologia é uma ciência direcionada a entender os aspectos e elementos da história pretérita humana (Renfrew e Bahn, 1993). Caracteriza-se como o estudo do passado humano através dos vestígios materiais que tenham se preservado nos sítios arqueológicos (Bahn, 1997). Um sítio arqueológico pode variar de diversas formas em seu tamanho, aspecto e função, porém, algo comum a todas as variações é que este é testemunho de atividade humana no passado (Hester, Heizer e Graham, 1988). O conceito de tradição arqueológica é expresso como a configuração de aspectos e elementos culturais com continuidade tanto no espaço quanto no tempo (Willey e Phillips, 1955; Chmyz, 1966; Souza, 1997).

O estudo dos vestígios materiais para a construção da história das sociedades indígenas pré-históricas ocorre baseado na abordagem da Arqueologia e seu desenvolvimento no Brasil se deu a partir de 1950, e entre 1965 e 1970 se formou uma primeira geração de arqueólogos com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) (Barreto, 2000). Em meados da década de 1970, a Arqueologia experimenta uma revitalização que culmina com o surgimento de novas áreas como a Zooarqueologia, que dada sua relevância, transformou-se em uma nova disciplina (Lima, 1989; Reitz e Wing, 1999; Rosa, 2008).

A Zooarqueologia é uma área de caráter multidisciplinar em que são essenciais conhecimentos de Zoologia, Ecologia, Paleontologia, Arqueologia e Antropologia para que seja possível analisar os remanescentes faunísticos resgatados em contexto arqueológico (Reitz e Wing, 1999; Jacobus, 2004; Rosa, 2008). De acordo com Reitz e Wing (1999) o objetivo fundamental da Zooarqueologia é entender de que forma interagiram homem e a fauna, e a relação entre o homem e o ambiente no qual esteve inserido.

A área investigativa denominada como Zooarqueologia implica em uma perspectiva muito mais cultural do que zoológica ou ecológica, centrada na importância cultural que tem a fauna para o comportamento humano, de forma que busca avaliar as mudanças na subsistência, nas estratégias adaptativas e evolução cultural como mecanismos de adaptação (Olsen e Olsen, 1981; Terreros, 2013).

Como exposto por Jacobus (2004) cabe aos zooarqueólogos contribuírem no avanço e consolidação da temática zooarqueológica, buscando por aportes para a solução de problemas direcionados as características de suas arqueofaunas, sobretudo na região Neotropical.

Na zooarqueologia o termo 'espécimen' possui sua origem na escola norte americana (e.g. Reitz e Wing, 1999), e designa os vestígios faunísticos dos sítios arqueológicos, sendo de uso corrente na bibliografia zooarqueológica norte americana. (e.g. Reitz e Wing, 1999; Lyman, 1994, 1996). No Brasil se utilizam os termos 'espécime' e 'espécimen', que são sinônimos, e de uso corrente na área das Ciências Biológicas, principalmente em literatura de coleções zoológicas (e.g. Papavero, 1994). No sentido de evitar ambiguidades com a nomenclatura, será empregado o termo 'remanescente' como sinônimo do termo 'espécimen', da escola norte-americana. Podendo ser um 'remanescente' tanto um osso, um dente ou uma concha inteiros, ou um fragmento destes, e que compartilham tanto informação cultural quanto biológica.

As arqueofaunas são os remanescentes, o conjunto de fauna, preservados e resgatados em um contexto associado à cultura material humana (Lyman, 1996; Jacobus, 2004). A identificação é o aspecto mais fundamental de uma análise zooarqueológica, pois sem uma acurada identificação dos táxons presentes na arqueofauna qualquer interpretação será mera especulação sem base (Berwick, 1975).

Na região costeira do Brasil, desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, os sítios arqueológicos mais conhecidos são os chamados sambaquis. Os seus construtores foram grupos de pescadores-coletores que ocuparam este espaço durante o Holoceno, entre os 8.000 A.P. e 2.000 A.P., sendo que a sua presença em um espaço tão expressivo gerou uma ampla variedade de formas e tamanhos de sambaquis. Particularmente no litoral de Santa Catarina estes acúmulos alcançaram mais de trinta metros de altura, e eram compostos basicamente por remanescentes de conchas e de ossos (Lima, 2000).

Uma das primeiras definições para o termo Sambaqui, onde este é entendido como um sítio arqueológico, cuja composição seja predominantemente de conchas provém do trabalho de Chmyz (1966). A origem do termo sambaqui seria derivada da linguagem tupi-guarani, em que *tamba*=marisco e *ki*=amontoad (tamba+ki=sambaqui), sendo, portanto, o acúmulo de conchas de moluscos (Prous, 1992; Lima, 2000; Gaspar, 2004; Okumura, 2008). A definição fornecida por Prous e Piazza (1977) colocou um importante aspecto na diferenciação de dois grupos de sítios arqueológicos costeiros, os sambaquis pré-cerâmicos como resultados de assentamentos mais estáveis ao longo de um dado período, e o que podemos chamar de 'acampamentos conchíferos' que se caracterizam por sítios pouco estáveis e efêmeros. As diferenças básicas entre esses sítios rasos (acampamentos conchíferos) e os sambaquis são a presença de cerâmica e o desenvolvimento da pesca como atividade primordial de subsistência (Neves, 1988).

Os sítios arqueológicos localizados no litoral são um fenômeno global, ocorrendo em diferentes momentos e em distintas culturas, nas costas do Atlântico e Pacífico dos Estados Unidos, nas Guianas, no Peru, no Chile, na Argentina e Uruguai, na região costeira da África, no Egito, Senegal, Madagascar, na costa Norte da Europa, na Inglaterra, na Irlanda, na França, na Alemanha, em Portugal, na Espanha, Itália (Sardenha), Ilhas Andamesas, Malásia, na costa do Japão, na Austrália e Oceania. No Brasil ocorrem sítios arqueológicos em praticamente toda a costa (Lima, 2000). O termo sambaqui é genuinamente brasileiro e está estritamente vinculado a um grupo cultural adaptado especificamente ao ambiente costeiro, cujo testemunho é o acúmulo intencional e predominante de material faunístico, que constrói elevações de forma e tamanho

variável, estáveis ao longo do tempo, sem presença de cerâmica, e que em geral estes acúmulos se destacam na paisagem circundante (Prous, 1992).

A planície costeira do Rio Grande do Sul se caracteriza como a mais ampla do Brasil, está configurada por uma faixa de praias arenosas com pouco mais de 600 km de extensão, seus limites atuais são Torres no extremo Norte e Barra do Chuí no extremo Sul, na divisa com o Uruguai (Villwock e Tomazelli, 1995). Esta planície é formada por um complexo de barreiras originadas por eventos de transgressão-regressão marinha, *vide* figura 1 (Villwock e Tomazelli, 1995; Tomazelli e Villwock, 2000). Ela está sob influência da Convergência Subtropical do Atlântico Sul Ocidental, formada pela Corrente do Brasil, de sentido Norte-Sul, se caracteriza por águas quentes e pobres em nutrientes e pela Corrente das Malvinas, de sentido Sul-Norte, de águas frias e ricas em nutrientes, resultantes das descargas continentais das águas da Lagoa dos Patos e do Rio da Prata, o que se reflete na região em ser uma das mais produtivas de estoques de pescado do Brasil (Seeliger, Odebrecht e Castello, 1998).

Para a costa do RS existem poucos trabalhos versando sobre osteologia de pinípedes, em sua maioria são estudos cranianos com amostras atuais (não arqueológicas). Estudos das anomalias e alterações dentárias em *A. australis* (Drehmer e Ferigolo, 1996); análise ontogenética craniana do gênero *Arctocephalus* (Tarnawski et al., 2014); casos de agressão e patologias em *A. tropicalis* (Oliveira et al., 1998) e em *O. flavescens* (Drehmer et al., 1998); osteopatologias e alterações dentárias em *O. flavescens* (Sanfelice e Ferigolo, 2008); estudos craniométricos comparando os sexos (Oliveira et al., 2005) e populações de *O. flavescens* e *A. australis* (Oliveira, et al., 2008; Drehmer, 2005), além das relações entre suturas cranianas e idade absoluta (Audibert et al., 2018).

Existe apenas um resumo publicado sobre as diferenças na osteologia de pós-crânio entre as espécies do gênero *Arctocephalus*, encontrados na costa do RS (Menezes e Drehmer, 1998). Porém para o litoral uruguaio (Perez Garcia, 2003) e a costa do Chile (Sepúlveda, 2013), foram desenvolvidos estudos comparando, sobretudo, os gêneros *Arctocephalus* e *Otaria*, buscando diferenciar ambos os gêneros a partir de caracteres morfológicos pós-cranianos de exemplares recentes, não arqueológicos.

Apesar da realização de alguns estudos zooarqueológicos em determinados sítios do RS, ainda existem sítios com pouca ou nenhuma informação sobre a fauna de pinípedes em tempos pré-históricos. Menos ainda são as informações sobre a utilização destes táxons pelas populações humanas de pescadores-coletores que ocuparam a costa do RS durante o Holoceno.

Nesse contexto, os objetivos do presente estudo foram identificar em cinco sítios do RS remanescentes atribuídos aos pinípedes, avaliar as riquezas taxonômica e anatômica presentes nas amostras, caracterizar o uso destas espécies como recurso alimentar e comparar os dados obtidos de ocorrência pré-histórica das espécies da região estudada com o padrão de ocorrência atual.

METODOLOGIA

Caracterização da Área de Estudo

A Planície Costeira do RS (PCRS) se constitui como a mais ampla do Brasil, cobrindo cerca de 33.000 km² e em alguns setores mais de 100 km de largura, caracterizada como uma área de terras baixas que se configuram por uma faixa de praias arenosas com cerca de 620 km de extensão, sendo seus limites atuais Torres no extremo

Norte e Barra do Chuí no extremo Sul, na divisa com o Uruguai (figuras 2 e 3; Villwock e Tomazelli, 1995; Tomazelli e Villwock, 2000).

Na gênese da PCRS são observados quatro sistemas deposicionais do tipo 'laguna-barreira', em que cada um atesta o pico de uma transgressão seguida de um evento regressivo (figura 1). Os sistemas deposicionais 'laguna-barreira' I, II e III possuem idades correlacionadas com a época Pleistocênica, e o sistema IV com a época Holocênica. Os sítios arqueológicos dos quais provém os remanescentes ósseos analisados no presente estudo estão implantados sobre o sistema 'laguna-barreira' IV, esta de história geológica mais recente que atesta o último evento de transgressão-regressão marinha. Estes eventos de transgressão/regressão marinha, com a consequente formação de barreiras, estabelecem na PCRS uma extensa e complexa rede de banhados, lagos e lagoas (Villwock e Tomazelli, 2005; Tomazelli e Villwock, 2000).

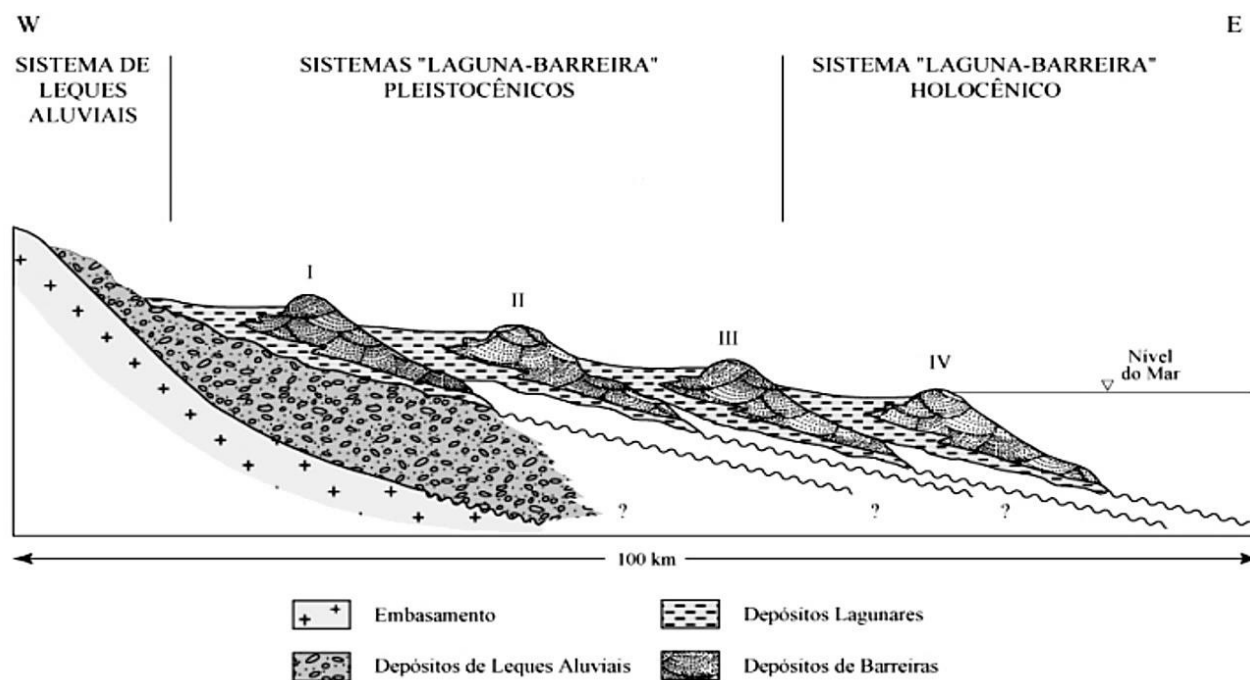
Na morfogênese do litoral um aspecto fundamental é o regime de ventos, com predominância de vento Nordeste (NE), sendo este o grande transportador de areia na região costeira que formam um grande campo de dunas (Villwock e Tomazelli, 1995; Tomazelli e Villwock, 2000). A PCRS por sua configuração retilínea lhe confere um carácter aberto, imediatamente exposto à ação de ondas de energia média a elevada, que associada à abundância de areia de granulação fina, e regime de micro-maré inferior a 50 cm, conferem dentro do esquema morfodinâmico um comportamento do tipo 'praia-dissipativa' (Villwock, Tomazelli, 1995).

A Convergência Subtropical do Atlântico Sul Ocidental, formada pela Corrente do Brasil, de sentido Norte-Sul, que se caracteriza por águas quentes e pobres em nutrientes e pela Corrente das Malvinas, de sentido Sul-Norte, de águas frias e ricas em nutrientes, resultantes das descargas continentais das águas da Lagoa dos Patos e do Rio da Prata, são responsáveis por a planície se refletir na região ser uma das mais produtivas de estoques de pescado do Brasil (Seeliger, Odebrecht e Castello, 1998).

Estudos palinológicos na PCRS têm demonstrado que na porção norte predominou desde o Pleistoceno a ocorrência de amplas formações campestres, vegetação dominante desde o Pré-último Máximo Glacial até o início do Holoceno (Bauermann, Behling e Macedo, 2009). Desde o Holoceno médio (6.000 A.P.) ocorreu um incremento de registros polínicos de táxons florestais, o que permite inferir uma elevação na temperatura e umidade, coincidente com a última transgressão marinha, eventos estes que a partir do Holoceno Superior (1.340 A.P.) conduziram ao registro frequente de tipos polínicos relacionados a espécies da Floresta Atlântica (Bauermann, Behling e Macedo, 2009).

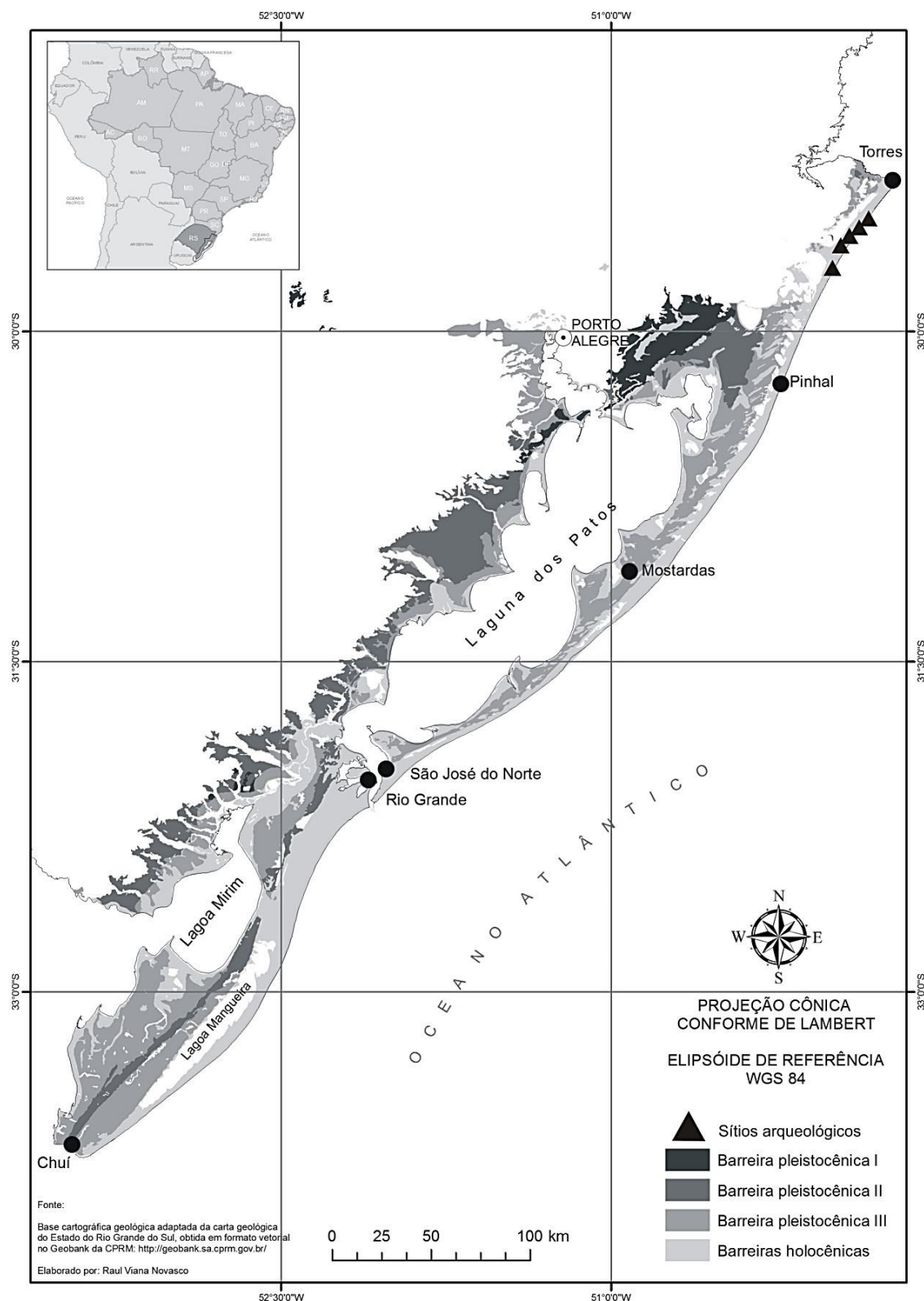
A partir do conjunto de aspectos destacados se demonstra que a PCRS se configura como um ambiente dinâmico, tendo sua configuração geomorfológica estabelecida recentemente. Quanto ao aspecto vegetacional se constata a ocorrência de um avanço recente da formação florestal sobre um característico habitat de formações abertas. A influência das correntes marinhas adjacentes a PCRS são responsáveis por conferir a este ecossistema sua abundante e expressiva composição ictiofaunística. Com a configuração destas características se torna evidente que este ambiente estabelecido recentemente ofertaria condições e recursos necessários ao estabelecimento de grupos pré-históricos.

Figura 1. Geologia da Planície Costeira do Rio Grande do Sul: perfil esquemático no sentido Oeste (W)-Leste (E) no sentido transversal dos sistemas deposicionais, com suas fácies sedimentares associadas.



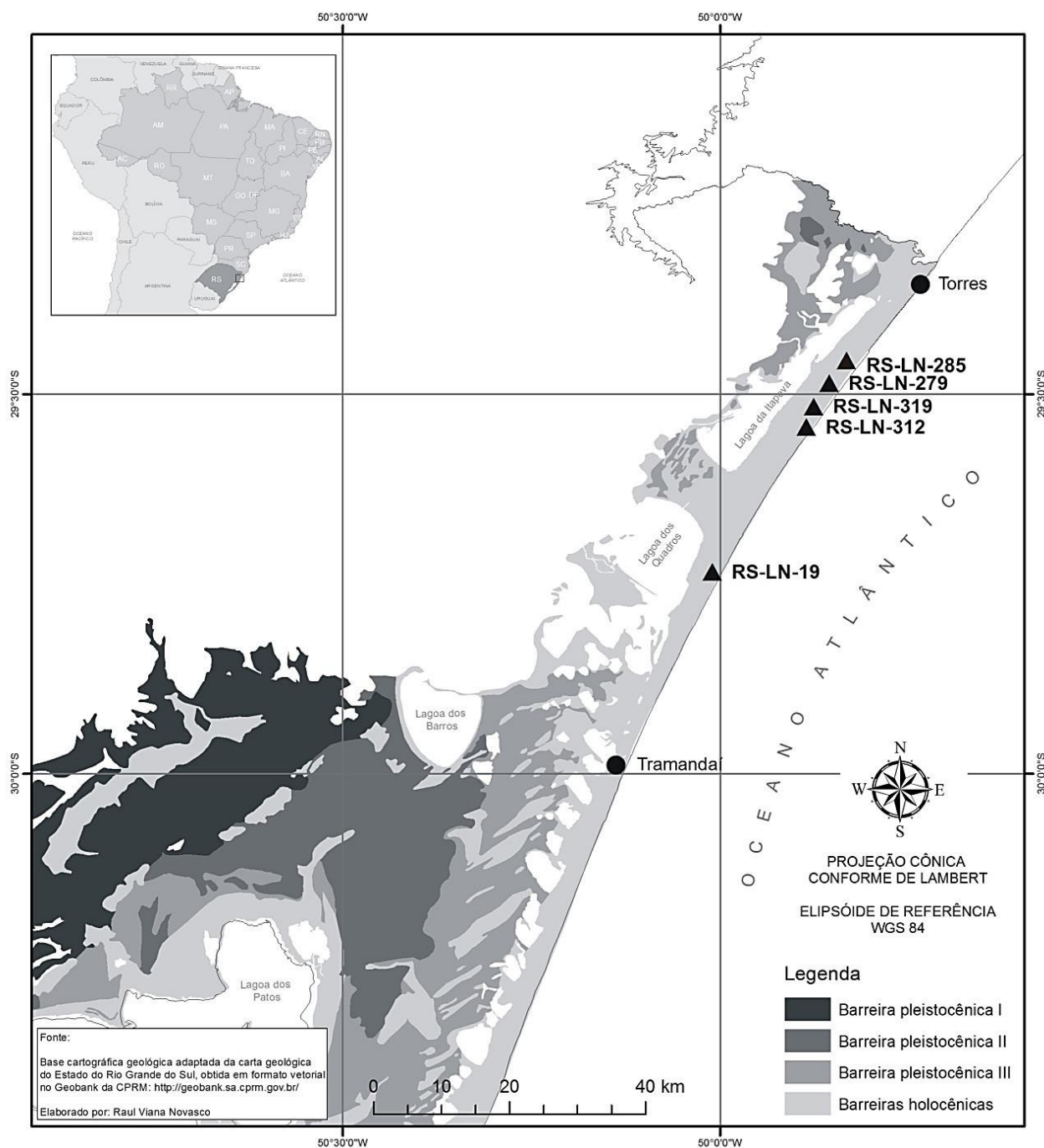
Fonte: Tomazelli e Villwock (2000: 111).

Figura 2. Geologia da Planície Costeira do Rio Grande do Sul: sua localização e sistemas deposicionais, além da posição geográfica dos sítios analisados no presente estudo (triângulos)..



Fonte: adaptado de Tomazelli e Villwock (2000: 376), modificado por S. Ferrasso (2017).

Figura 3. Planície Costeira, Litoral Norte do Rio Grande do Sul: sua localização e sistemas deposicionais, posição geográfica dos sítios (triângulos).



Fonte: adaptado de Tomazelli e Villwock (2000: 376), modificado por S. Ferrasso (2017).

Caracterização dos sítios arqueológicos

O material analisado provém de cinco sítios arqueológicos do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (figuras 2 e 3), um sítio foi registrado pela equipe do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL) e os demais sítios foram registrados durante a execução do projeto 'Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no Litoral Norte do RS' desenvolvido pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP).

RS-LN-19

O sítio arqueológico RS-LN-19, também conhecido como sambaqui de Xangri-lá (figuras 3, 4 e 5), está localizado no Litoral Norte (LN), nas coordenadas 29°47'23.72"S e 50° 02'18.24"W (WGS 84), dentro dos limites do município de Xangri-lá, dista em ± 900 m da atual linha de costa.

Este sítio foi identificado pelo pesquisador Eurico Theófilo Miller, que na época estava vinculado ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), e possui uma área aproximada de 4.000 m². O pesquisador realizou três intervenções na forma de prospecções (escavações) arqueológicas com duas quadrículas de 1,5 m x 1,5 m e uma trincheira de 1,75 m de largura por 9 m de comprimento no nível de superfície (figura 5). Já no nível mais basal escavado as medidas foram de 0,65 m de largura por 2,5 m de comprimento (Miller, 1966), ou seja, a escavação da trincheira foi reduzindo suas dimensões de forma gradual à medida que era aprofundada. Para os sítios arqueológicos da área, este é o que possui as maiores dimensões, tanto em área quanto em pacote estratigráfico, porém, não há nenhuma datação de sua idade relativa. Os vestígios em análise neste trabalho são oriundos da trincheira, cujo volume de material prospectado foi de $\pm 15,18$ m³. O método de prospecção seguiu o de cortes horizontais artificiais nivelados, aprofundando verticalmente a cada 20 cm, formando camadas artificiais sucessivas para assegurar a profundidade e origem dos remanescentes faunísticos. É importante salientar, que não foram considerados na camada 1 os vestígios dispersos na superfície da área do sítio. Esta metodologia é amplamente utilizada em trabalhos desta natureza, e em geral seguem os expostos em Hester, Heizer e Graham (1988).

Para este sítio existe uma publicação relatando a descoberta de um zoólito, atribuindo o artefato ao sítio, e relatando a ocorrência de fragmentos cerâmicos das tradições Taquara e Tupiguarani na sua superfície (Mentz Ribeiro, 1982). Posteriormente o sítio sofreu uma prospecção sob a coordenação de Arno Alvarez Kern, o qual relatou a descoberta de ossos polidos dentre outros vestígios, e caracterizou as camadas do sítio com predomínio de conchas de moluscos, e ainda reportou ocorrência de cerâmica dos grupos Taquara e Tupiguarani na superfície (Kern, 1985). Até o presente momento, não foram publicadas as análises dos vestígios zooarqueológicos resgatados, tanto para a primeira escavação de Eurico T. Miller, quanto na posterior prospecção de Arno A. Kern.

Figura 4. Prospecção do sítio Arqueológico RS-LN-319 em Xangri-lá, RS: perspectiva geral da sua área.



Fonte: Eurico Theófilo Miller (1966).

Figura 5. Detalhe da trincheira do sítio Arqueológico RS-LN-19 em Xangri-lá, RS: perspectiva geral da intervenção de 1,75 m x 9 m (perfil estratigráfico da parede leste-nordeste).



Fonte: Eurico Theófilo Miller (1966).

RS-LN-279

O sítio arqueológico RS-LN-279, também conhecido como Serra Azul 2 (figuras 3 e 6), está localizado no município de Arroio do Sal, no LN do RS, sob as coordenadas 29°27'0.27"S e 49°49'1.74"W (WGS 84) no balneário Serra Azul, dista em ± 700 m da atual linha de costa. Este sítio foi localizado durante a execução do 'Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica do LN do RS'. O sítio possui uma área estimada em 300 m², na qual foi realizada a prospecção de uma quadrícula de 0,50 m x 0,50 m, que atingiu 1,20 m de camada arqueológica (Rogge e Schmitz, 2010). O volume de material escavado foi de 0,30 m³ e a camada basal de ocupação do sítio foi datada em 3.310 ± 40 A.P. (Beta-263433). Para o sítio, considerando suas camadas e aliado ao seu contexto, foi vinculado à Tradição Sambaqui (Rogge e Schmitz, 2010).

A metodologia prospectiva aplicada foi de cortes horizontais artificiais nivelados, aprofundando verticalmente a cada 10 cm, formando níveis artificiais sucessivos para assegurar a profundidade e origem dos remanescentes faunísticos, e em geral seguem os expostos em Hester, Heizer e Graham (1988). Para a arqueofauna deste sítio há uma publicação discutindo a sua estratégia de assentamento e captação de recursos (Ferrasso e Schmitz, 2015).

Figura 6. Sítio Arqueológico RS-LN-279, em Arroio do Sal, RS: vista parcial com a fração encoberta por vegetação herbácea, onde a seta indica o afloramento de material conculiológico.



Fonte: S. Ferrasso (2010).

RS-LN-285

O sítio arqueológico RS-LN-285, também conhecido como Arroio Seco 5, se situa no município de Arroio do Sal (figuras 3 e 7), nas coordenadas geográficas 29°27'46.24"S e 49°49'42.01"W (WGS 84), na localidade de Balneário do Arroio Seco, distando $\pm$ 750 m da atual linha de costa. O sítio foi identificado durante o desenvolvimento do 'Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica do LN do RS'. A área estimada do sítio era de 400 m², onde foi realizada prospecção de uma quadrícula de 0,50 m x 0,50 m (figura 7), que atingiu 0,70 m de camada arqueológica, sendo que seu contexto e composição sugerem sua vinculação a Tradição Sambaqui (Rogge e Schmitz, 2010).

O volume de material escavado foi de 0,175 m³, e o método de escavação segue o mesmo descrito para o sítio anterior. Com relação à arqueofauna deste sítio Ferrasso, Schmitz e Rogge (2013) sugeriram que seus habitantes eram de tradição Sambaquiana.

Figura 7. Sítio Arqueológico RS-LN-285, Arroio do Sal, RS: perspectiva da quadrícula de 50 cm x 50 cm, setas indicam os limites do pacote estratigráfico com 70 cm de espessura.



Fonte: S. Ferrasso (2009).

RS-LN-312

O sítio arqueológico RS-LN-312, também conhecido como Marambaia 1, se localiza no município de Arroio do Sal (figuras 3, 8 e 9), sob as coordenadas geográficas 29°34'22.08"S e 49°54'33.16"W (WGS 84), no Balneário da Marambaia, distando em $\pm$ 800 m da atual linha de costa.

O sítio foi identificado durante o desenvolvimento do 'Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica do LN do RS'. A área do sítio é de aproximadamente 2.000 m², onde foi realizada prospecção de duas quadrículas (1 e 2) com 1,00 m x 2,00 m cada uma, em faces opostas do sítio. Os remanescentes analisados no presente estudo provêm da quadrícula 2 (figura 9), que alcançou 1,40 m de pacote estratigráfico. As camadas basais do sítio foram datadas em 3.050 $\pm$ 40 A.P. (Beta-247954). O contexto e composição do sítio levaram sua atribuição à Tradição Sambaqui (Rogge e Schmitz, 2010).

O volume de material prospectado foi de 2,80 m³, e o método de escavação segue o mesmo descrito para o sítio anterior. Ferrasso, Fiorentin e Schmitz (2016) avaliaram os remanescentes conchiliológicos do sítio com base principalmente nos caracteres morfoanatômicos para a identificação de espécies.

Figura 8. Sítio Arqueológico RS-LN-312, Arroio do Sal, RS: perspectiva geral do sítio, com afloramento de vestígios conchiliológicos sendo indicado pela seta.



Fonte: S. Ferrasso (2008).

Figura 8. Sítio Arqueológico RS-LN-312, em Arroio do Sal: vista geral da prospecção da quadrícula 2, com 2 m x 1 m de área.



Fonte: J. H. Rogge (2008).

RS-LN-319

O sítio RS-LN-319, também conhecido como Atlântico 9, situado sob as coordenadas geográficas 29°28'42.46"S e 49°50'28.89"W (WGS), na localidade de Balneário Atlântico, no município de Arroio do Sal (figuras 3 e 10).

O sítio foi identificado durante a execução do 'Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica do LN do RS'. A área do sítio é de aproximadamente 100 m², onde foi realizada a prospecção de três quadrículas (1, 2 e 3, figura 10) com 0,50 m x 0,50 m cada uma. Os remanescentes em análise são oriundos das quadrículas 1 e 2, com um pacote arqueológico que oscila entre os 30 cm (Rogge e Schmitz, 2010). Foi realizada datação na camada basal do sítio que alcançou 3.660 ± 40 A.P. (Beta-263432), esta data somada ao seu contexto e composição o vincula a Tradição Sambaqui (Rogge e Schmitz, 2010). O volume de material escavado foi de 0,375 m³, e o método de escavação segue o mesmo descrito para o sítio anterior.

Figura 9. Sítio Arqueológico RS-LN-319, em Arroio do Sal, RS: perspectiva geral do sítio, com as setas indicado o afloramento de material arqueológico nas proximidades das escavações 1 e 2.



Fonte: P. R. de O. Roth, 2009; modificado por S. Ferrasso (2017).

REMANESCENTES ÓSSEOS ENCONTRADOS NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Todos os remanescentes ósseos que foram analisados no presente estudo se encontram depositados na Reserva Técnica (= coleção científica) de Arqueologia do Instituto Anchieta de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos (IAP-UNISINOS).

Em uma primeira etapa de trabalhos foram realizadas as seguintes atividades: triagem e separação de remanescentes ósseos potencialmente atribuíveis aos pinípedes; limpeza dos remanescentes ósseos potencialmente atribuíveis aos pinípedes em geral; marcação com tinta indelével do acrônimo da respectiva coleção em cada peça, com intuito de assegurar a sua integridade e procedência; organização e acondicionamento em gavetas do material para que possibilite sua manipulação e análise de forma sistematizada.

Subsequente a esta etapa de acesso e organização dos remanescentes faunísticos das arqueofaunas dos cinco sítios arqueológicos se procedeu então na identificação anatômica e taxonômica das arqueofaunas.

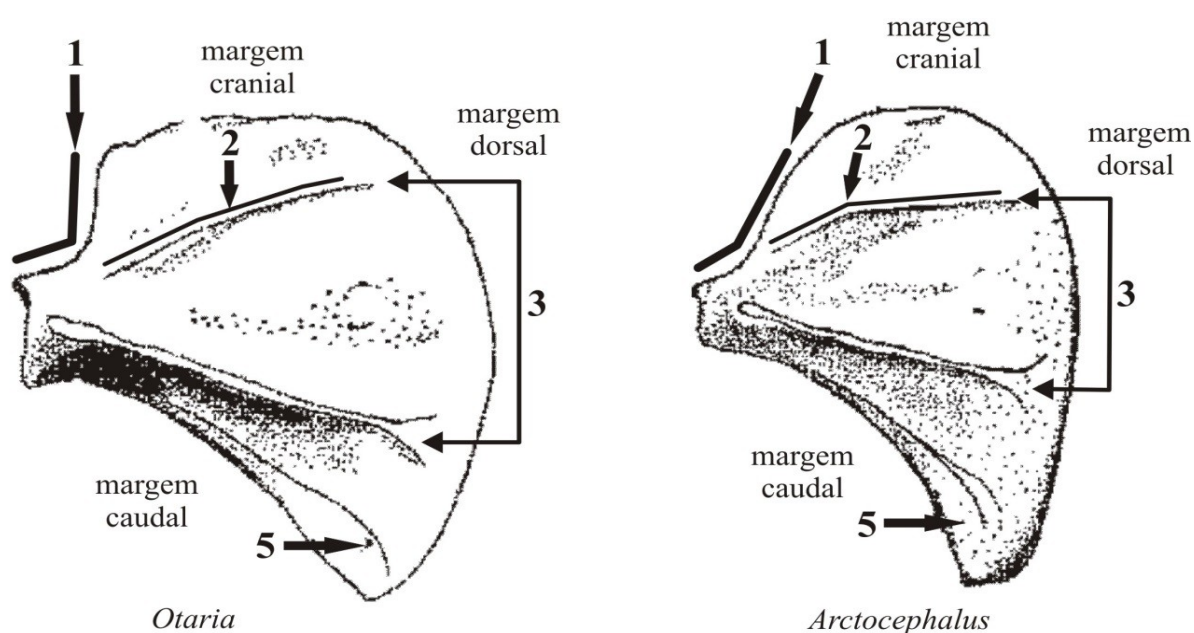
Metodologia de identificação

Os remanescentes de pinípedes triados foram analisados em laboratório, nas dependências físicas do Laboratório de Zooarqueologia, no Instituto Anchietano de Pesquisas, junto ao campus UNISINOS, em São Leopoldo.

Para fins de identificação anatômica dos remanescentes ósseos encontrados nos sítios arqueológicos estes foram comparados diretamente com espécimes de espécies atuais de pinípedes que possuem esqueletos completos (crânio e pós-crânio) e que foram emprestados para este projeto pelas seguintes coleções científicas: Setor de Mamíferos do Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica, Laboratório de Mastozoologia (MCN); Coleção do Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul (GEMARS) e Coleção Osteológica do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP-CO).

A identificação anatômica dos remanescentes foi baseada em abordagens realizadas de forma conjunta: identificação anatômica preliminar dos remanescentes do pós-crânio, com o emprego de bibliografia específica para pinípedes (e.g. Kasper, 1980; Pérez Garcia, 2003; L'Heurex e Borella, 2011 e Sepúlveda, 2013), e comparação direta com elementos ósseos de espécies atuais de coleções de referência para a identificação taxonômica dos remanescentes (tabela 1). Na figura 10 são demonstradas variações de caracteres diagnósticos em determinados elementos anatômicos que permitiram a identificação entre os gêneros *Otaria* e *Arctocephalus* (ver legenda da figura 10 e as descrições no Apêndice).

Figura 10. Escápula dos gêneros *Otaria* e *Arctocephalus*, com caracteres avaliados em vista dorsal: 1- margem do ângulo anterior, forte tendência a ser retilínea em *Otaria*; 2- espinha secundária com forte tendência a ser curvada em *Arctocephalus*; 3- espinha escapular e espinha secundária são divergentes no sentido da margem dorsal em *Otaria*; 5- margem caudal, localização e desenvolvimento da crista oblíqua mais marcada e paralela próxima da margem em *Arctocephalus*.



Fonte: Pérez Garcia (2003), modificado por S. Ferrasso (2018).

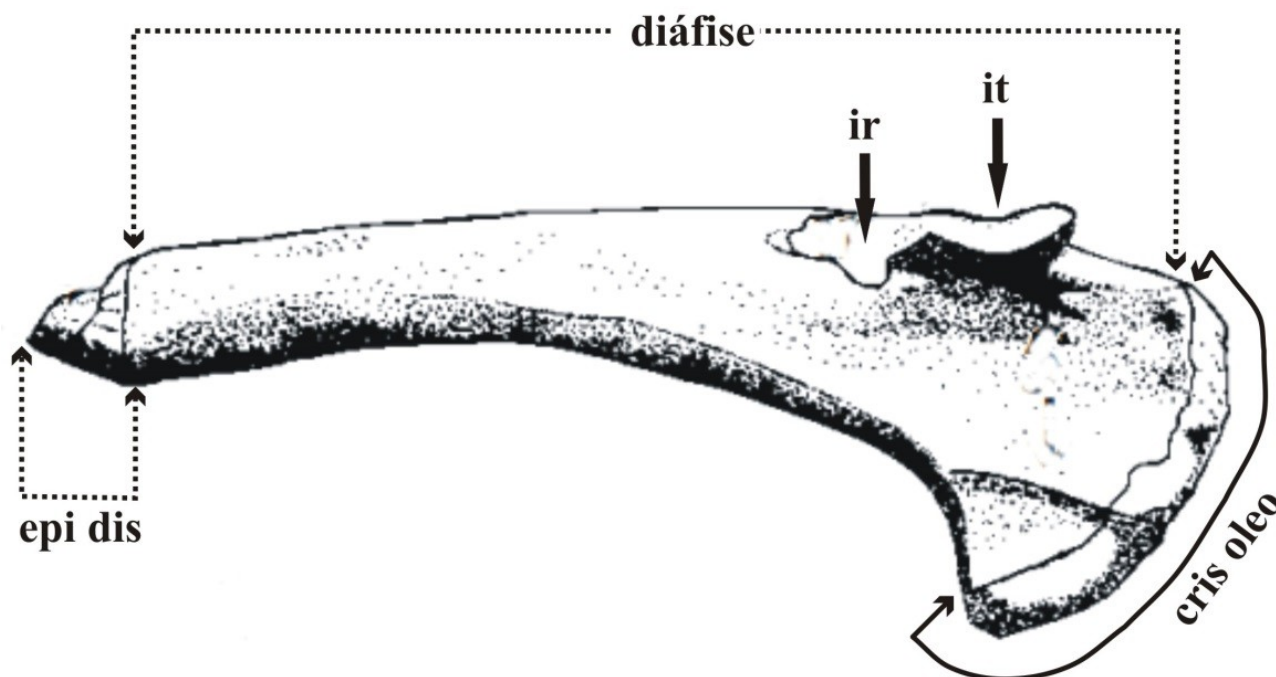
Tabela 1. Espécimes atuais de pinípedes depositados em coleções zoológicas e utilizados para comparação direta no presente estudo. MCN-FZB: Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul; IAP/CO: Instituto Anchieta de Pesquisas-Coleção Osteológica e GEMARS: Grupo de Estudos de Mamíferos Aquáticos do Rio Grande do Sul.

Identificação do espécime	Espécie	Sexo	Partes do Esqueleto
MCN 2705	<i>Arctocephalus australis</i>	Fêmea	Pós-crânio
MCN 2706	<i>Arctocephalus australis</i>	Macho	Pós-crânio
MCN 2463	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Pós-crânio
MCN 2459	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Pós-crânio
MCN 2979	<i>Otaria flavescens</i>	indeterminado	Pós-crânio
MCN 2832	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-062	<i>Otaria flavescens</i>	Fêmea	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-425	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-424	<i>Arctocephalus australis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-426	<i>Arctocephalus australis</i>	indeterminado	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-073	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
IAP/CO-360	<i>Arctocephalus australis</i>	indeterminado	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0003	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Pós-crânio
GEMARS 0425	<i>Arctocephalus australis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0438	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Fêmea	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0832	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0833	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0835	<i>Arctocephalus gazella</i>	indeterminado	Crânio
GEMARS 0862	<i>Arctocephalus gazella</i>	Fêmea	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0910	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 0959	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Macho	Pós-crânio
GEMARS 1000	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	Fêmea	Pós-crânio
GEMARS 1303	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1319	<i>Lobodon carcinophaga</i>	Fêmea	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1322	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio
GEMARS 1400	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1401	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1452	<i>Arctocephalus australis</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1469	<i>Otaria flavescens</i>	Macho	Crânio e pós-crânio
GEMARS 1559	<i>Arctocephalus australis</i>	Fêmea	Pós-crânio
GEMARS 1697	<i>Arctocephalus tropicalis</i>	indeterminado	Crânio e pós-crânio

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

A classe etária dos táxons identificados foi estimada com base no protocolo desenvolvido por Borella *et al.* (2013) para indivíduos da família Otariidae (figura 11). Este protocolo leva em consideração a análise de 43 centros de fusão epifisiária, distribuídos entre os diferentes elementos ósseos anatômicos do esqueleto, em que são avaliados macroscopicamente os graus de fusão de epífises em relação às diáfises dos ossos. As classes etárias relativas estabelecidas por Borella *et al.* (2013) foram: I- lactantes, II- juvenis, III-subadultos/adultos, IV- adultos e V- adultos/senis.

Figura 11. Ulna da família Otariidae: esquema para avaliar classe de idade relativa com base no fusão de epífises. Centros de fusão: **epi dis**- fusão de epífise distal em relação a diáfise; **ir**- consolidação da incisura radial; **it**-consolidação da incisura troclear; **cris oleo**- fusão da crista do oléocrano em relação a diáfise.



Fonte: Pérez Garcia, 2003 e Borella *et al.* (2013), modificado por S. Ferrasso (2018).

Análises quantitativas dos remanescentes

Para mensurar quantitativamente os elementos ósseos encontrados em cada sítio arqueológico foram empregados cinco índices: um de riqueza taxonômica (NISP) e quatro de riqueza anatômica (MNE, MNI, MAU e %MAU). A riqueza taxonômica sob a perspectiva da zooarqueologia se refere ao número de remanescentes identificados em um determinado nível taxonômico, e a riqueza anatômica se refere às estruturas anatômicas dos remanescentes identificados, ambos em uma determinada arqueofauna.

O número de remanescentes identificados (do inglês NISP - *Number of Identified Specimens*) é uma unidade quantitativa observacional que corresponde ao total de remanescentes identificados a um dado táxon, em um determinado nível taxonômico. Pode ser tanto um remanescente ósseo completo, quanto um fragmento do mesmo, sendo aplicável de mesma forma a outros remanescentes, tais como dentes, chifres ou conchas (Lyman, 1994, 1996; Reitz e Wing, 1999; Mengoni Goñalons, 1999, 2010; Jacobus, 2004). Em outras palavras, seria um valor de abundância de remanescentes identificados como pertencentes a um dado táxon.

O número mínimo de elementos (do inglês MNE - *Minimum Number of Elements*) é derivado do NISP, é uma unidade quantitativa analítica, e foi aplicado para se estimar quantos elementos anatômicos estavam representados em uma arqueofauna. Para seu cálculo não se considerou a lateralidade dos remanescentes, porém foram consideradas as zonas diagnósticas de cada remanescente (Lyman, 1994, 1996; Reitz e Wing, 1999; Mengoni Goñalons, 1999, 2010; Jacobus, 2004).

O índice do número mínimo de indivíduos (do inglês MNI - *Minimum Number of Individuals*) é uma unidade analítica derivada que foi estimado através do elemento anatômico mais abundante de um táxon em uma arqueofauna. Para seu cálculo foi

considerada a sua lateralidade (direito ou esquerdo) e a classe etária relativa (baseado no grau de fuscionamento de epífises) dos elementos anatômicos (Lyman, 1994, 1996; Reitz e Wing, 1999; Mengoni Goñalons, 1999, 2010; Jacobus, 2004). Em outras palavras, seria um valor de abundância do número de indivíduos identificados como pertencentes a um dado táxon.

O número mínimo de unidades animais (do inglês MAU - *Minimum Number of Animal Units*) é uma unidade analítica derivada, e foi obtido dividindo-se o MNE de um determinado elemento pela quantidade de vezes que este elemento aparece no esqueleto completo de um indivíduo. Isto é, no caso de elementos pares, o MNE é dividido por dois, e no de ímpares por um. É importante salientar que os MAUs podem resultar em números fracionários e, quando se pretende somá-los, é necessário arredondar para o próximo número inteiro (Lyman, 1994, 1996; Reitz e Wing, 1999; Mengoni Goñalons, 1999, 2010; Jacobus, 2004).

Outro índice utilizado na contabilização da frequência relativa de remanescentes de um táxon foi o percentual de MAU (do inglês %MAU - *Minimum Number of Animal Units Percents*), que se trata de uma estimativa padronizada do índice de MAU. O seu cálculo foi realizado a partir do maior MAU obtido em uma arqueofauna, que possui valor de 100%, e as demais porcentagens de MAU foram computadas em relação ao maior MAU em uma escala de 0 a 100% (Lyman, 1994, 1996; Reitz e Wing, 1999; Mengoni Goñalons, 1999, 2010; Jacobus, 2004).

Lyman (1994) discutiu e propôs uma uniformização no uso dos índices quantitativos, a fim de estabelecer uma metodologia padronizada e reconhecida internacionalmente. Contudo, Jacobus (2004) sugeriu que cabe aos zooarqueólogos da região do Neotrópico a busca de soluções para questões ambíguas neste tipo de análise. Desta forma, a partir destes dois trabalhos, foi adotada no presente estudo a abordagem do autor mais recente, utilizando-se o emprego das siglas dos índices quantitativos com base na escola norte-americana, evitando assim uma profusão desnecessária de novas siglas, que atrapalhariam o estabelecimento de metodologias com viés zooarqueológico.

Relacionado à fragmentação dos remanescentes calculou-se o percentual de fragmentação das amostras para a arqueofauna de cada sítio tendo como base na divisão entre os valores obtidos de NISP e MNE, segundo os expostos em Marshall e Pilgram (1993) e Terreros (2013).

Contextualização cronológica dos remanescentes

A idade estimada para a deposição dos remanescentes dos táxons identificados foi inferida com base na correlação entre as camadas deposicionais onde os remanescentes foram encontrados. As datações destes sítios foram previamente estabelecidas com base nos níveis artificiais relacionados com a ocupação pré-cerâmica do município de Arroio do Sal, e realizadas por Rogge e Schmitz (2010).

Análise de manipulações de origem antrópica nos remanescentes

Após a determinação anatômica e taxonômica dos remanescentes, em cada elemento anatômico foi verificada a ocorrência de manipulações antrópicas (e.g. marcas de corte, marcas de queima, confecção de artefatos). Esta determinação foi feita através da identificação dos agentes e processos que agiram sobre os remanescentes de acordo com os trabalhos de Lyman (1987, 1996), de Reitz e Wing (1999), de Mengoni Goñalons (1999, 2010) e Moreno-Garcia et al. (2003).

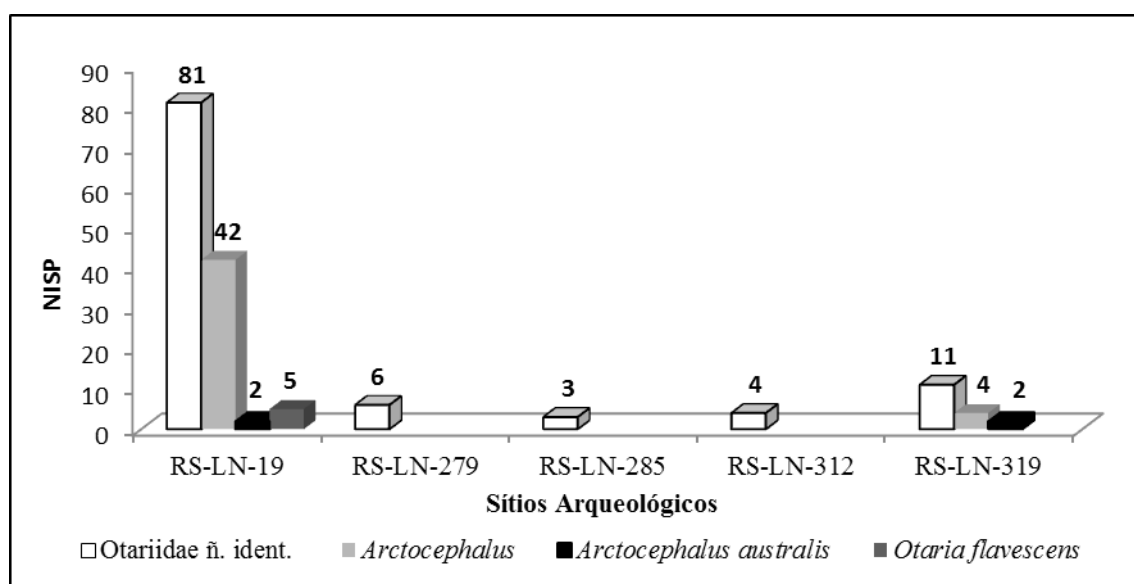
RESULTADOS

A análise das arqueofaunas dos cinco sítios estudados possibilitou a identificação de uma família de pinípedes, a Otariidae. Esta família foi representada por pelo menos duas espécies, *O. flavescens* e *A. australis* (tabelas 3, 5, 7, 9 e 11), uma vez que em muitos elementos anatômicos só foi possível se chegar até o gênero *Arctocephalus* nos remanescentes analisados.

As arqueofaunas de cada sítio revelaram em sua totalidade um NISP de 159 remanescentes faunísticos atribuíveis aos pinípedes, com um MNI de 17, distribuídos em diferentes níveis taxonômicos (família, gênero e espécie). Os elementos anatômicos representativos foram da região axial (crânio, coluna, costela), cinturas (escápula e pélvis) e da região apendicular (úmero, rádio, ulna, fêmur, tíbia, fíbula) (tabelas 4, 6, 8, 10 e 12).

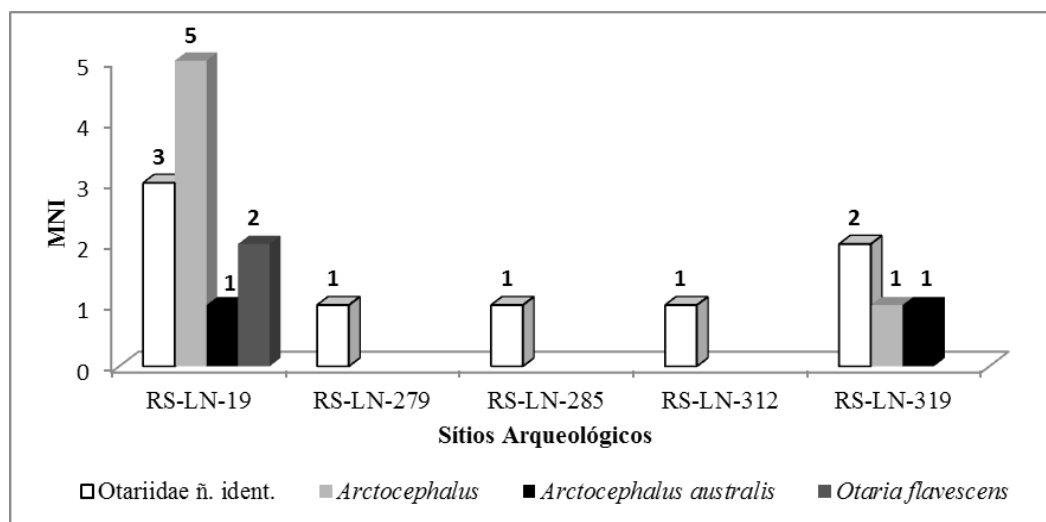
A família Otariidae esteve presente nas arqueofaunas dos cinco sítios estudados. O gênero *Arctocephalus* e a espécie *A. australis* foram registrados em dois sítios (RS-LN-19 e RS-LN-319), a espécie *O. flavescens* foi registrada apenas na arqueofauna do sítio RS-LN-19. Considerando os resultados do índice de NISP para riqueza taxonômica das arqueofaunas, observou-se que a família Otariidae foi a mais representativa e frequente nas amostras de todos os sítios (figura 12), sendo mais expressiva na arqueofauna do sítio RS-LN-19. Com base nos valores obtidos do índice de MNI aplicado a riqueza anatômica nas arqueofaunas, verificou-se que o gênero *Arctocephalus* foi o mais representativo dentro da amostra do sítio RS-LN-19 (figura 14). Contudo, nos demais sítios só foi possível identificar os remanescentes até o nível da família, neste caso Otariidae, a qual foi a mais representativa em frequência de remanescentes.

Figura 12. Riqueza taxonômica das arqueofaunas de pinípedes nos sítios arqueológicos do Litoral Norte do RS e suas respectivas representatividades do índice de NISP por sítio e táxon.



Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Figura 13. Riqueza anatômica das arqueofaunas de pinípedes nos sítios arqueológicos do Litoral Norte do RS e suas respectivas representatividades do índice de MNI por sítio e táxon.



Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Na análise dos remanescentes, um aspecto que se destacou, foram as distintas representatividades das arqueofaunas dos sítios (figuras 13, 14 e tabela 2). Os remanescentes são oriundos de seis quadrículas, dos cinco sítios, cada uma diferindo em tamanho e espessura estratigráfica arqueológica. A explicação mais plausível para a diferença entre as amostragens se deveria, sobretudo, aos objetivos de cada pesquisador, fortemente influenciados pelo escopo de cada projeto, dentro dos quais estes estavam inseridos.

Se tomarmos como exemplo a arqueofauna do sítio RS-LN-19, cujo volume escavado foi de 15,18 m³ e compararmos com a amostra obtida no sítio RS-LN-279 com apenas 0,30 m³ escavados, verifica-se que as riquezas taxonômicas obtidas (figura 13, tabelas 2, 3, 5 e 7) são maiores no primeiro sítio (três níveis taxonômicos e duas espécies identificadas), possivelmente como resultado do maior volume escavado no primeiro sítio arqueológico e por causa dos propósitos de cada pesquisador durante a prospecção. Tomando os sítios de Arroio do Sal como exemplo, e olhando as diferentes amostragens obtidas entre os sítios (tabela 2) e com base em Rogge e Schmitz (2010), que descrevem o sítio RS-LN-312 como o maior e o mais importante sítio da área, justificando por isso a intervenção de maiores proporções realizadas no mesmo, com 4 m² de área prospectada, com duas quadrículas. Dessa forma, se pressupõe que com a mesma perspectiva, tamanho e relevância, Eurico T. Miller tenha realizado a amostragem no sítio de Xangri-lá, o RS-LN-19.

Tabela 2. Sítios arqueológicos com presença de remanescentes ósseos de pinípedes. Ocorrência registrada por quadrículas, área escavada e número de camadas estratigráficas artificiais identificadas.

Sítio	Nº Quadrícula	Área Escavada	Nº de Camadas Artificiais	m ³
RS-LN-19	3	$\bar{x}\bar{x}= 1,2 \times 5,75$	13	± 15,18
RS-LN-279	1	0,50 x 0,50 m	11	0,30
RS-LN-285	1	0,50 x 0,50 m	7	0,175
RS-LN-312	1	1,00 x 2,00 m	14	2,80
RS-LN-319	1	0,50 x 0,50 m	6	0,375
	2	0,50 x 0,50 m	6	

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

RS-LN-19

A riqueza taxonômica da arqueofauna do sítio RS-LN-19 se mostrou com a maior representatividade e diversidade taxonômica dentre todos os sítios (tabelas 3 e 4), tanto no índice de NISP, quanto no índice de MNI. A maior riqueza anatômica de remanescentes foi da família Otariidae (MNE = 62), seguida pelo gênero *Arctocephalus* (MNE = 33), em que predominaram elementos da região do membro anterior, com a estrutura anatômica ulna (tabela 4). Da espécie *A. australis* predominaram ossos que compõem o crânio, como o maxilar. Em *O. flavescens* predominaram elementos da região do membro posterior, sendo o calcâneo a estrutura óssea mais representativa (tabela 4). Os táxons identificados estavam presentes em 14 níveis estratigráficos do sítio, sendo mais representativos entre as camadas 5 a 8, com maiores valores de NISP para os táxons identificados.

Tabela 3. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-19 em cada camada artificial escavada. Índices quantitativos de riqueza anatômica e taxonômica, NISP e MNI, respectivamente.

Táxons ↓	Camadas Artificiais														NISP	MNI
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14		
Otariidae	7	2	3	4	13	13	8	6	4	1	12	1	5	2	81	3
<i>Arctocephalus</i> sp.	5	1	2	-	15	10	4	2	-	-	1	-	2	-	42	5
<i>Arctocephalus australis</i>	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1
<i>Otaria flavescens</i>	-	-	-	-	-	1	1	3	-	-	-	-	-	-	5	2
TOTAL →	13	3	5	4	29	24	13	11	4	1	13	1	7	2	130	11

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Tabela 4. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-19. Índices quantitativos de riqueza anatômica: MNE, MAU e %MAU.

Região Anatômica	Elemento anatômico ↓	Otariidae			<i>Arctocephalus</i> sp.			<i>Arctocephalus australis</i>			<i>Otaria flavescens</i>		
		MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU
Sincrânio	maxilar	0	0,00	0,00	0	0,00	0	2	1	100	0	0,0	0,0
	bula-timpânica	0	0,00	0,00	2	1,00	28,57	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	côndilo occipital	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	mandíbula	0	0,00	0,00	1	0,50	14,29	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
Coluna	axis	1	1,00	40,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	vértebra cervical	1	0,14	5,71	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	vértebra torácica	3	0,20	8,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	vértebra lombar	2	0,40	16,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
	vértebra indet.	6	0,14	5,71	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,0	0,0
Esqueleto apendicular	pélvis	0	0,00	0,00	2	1,00	28,57	0	0,00	0,00	1	0,5	33,33
	escápula	0	0,00	0,00	6	3,00	85,71	0	0,00	0,00	1	0,5	33,33
Membro Anterior	úmero	2	1,00	40,00	2	1,00	28,57	0	0,00	0,00	1	0,5	33,33
	ulna	5	2,50	100	7	3,50	100	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	rádio	4	2,00	80,00	2	1,00	28,57	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	escafolunar	0	0,00	0,00	3	1,50	42,86	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	ossos carpais	12	0,75	30,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metacarpo I	1	0,50	20,00	1	0,50	14,29	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metacarpo II	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metacarpo III	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metacarpo V	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00

Região Anatômica	Elemento anatômico ↓	Otariidae			Arctocephalus sp.			Arctocephalus australis			Otaria flavescens		
		MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU
	metacarpo indet.	2	0,20	8,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	fêmur	3	1,50	60,00	4	2,00	57,14	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	patela	2	1,00	40,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	tíbia	4	2,00	80,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	fíbula	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Membro Posterior	calcâneo	2	1,00	40,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	3	1,50	100
	astrágalo	0	0,00	0,00	1	0,50	14,29	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metatarso 3°	1	0,50	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metatarso 4°	1	0,50	20,00	1	0,50	14,29	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metatarso 5°	2	1,00	40,00	1	0,50	14,29	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	metatarso indet.	1	0,10	4,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Nadadeira-diant/tras	falanges	2	0,04	1,54	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
	TOTAL →	62			33			2			6		

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

RS-LN-279

Na arqueofauna do sítio RS-LN-279 foi possível identificar os remanescentes até a categoria de família Otariidae. A quantificação dos remanescentes obteve um NISP de seis, com um MNI de um, sendo a estrutura com maior representatividade anatômica a região do membro posterior (tabelas 5 e 6), e o MNE obtido de dois, representado pelo esqueleto apendicular. Os remanescentes faunísticos atribuíveis a este grupo ocorreram apenas em um nível artificial do pacote estratigráfico do sítio. A amostra obtida com a prospecção foi apenas de 0,30 m³, um valor considerado pequeno.

Tabela 5. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-279. Índices quantitativos de riqueza taxonômica e anatômica, NISP e MNI, respectivamente.

Camada Artificial			
Táxons ↓	4	NISP	MNI
Otariidae	6	6	1
TOTAL →	6	6	1

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Tabela 6. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-279. Índices quantitativos de riqueza anatômica MNE, MAU e %MAU.

		Otariidae		
Região Anatômica	Elemento anatômico ↓	MNE	MAU	%MAU
Membro posterior	cabeça-femoral	1	0,5	100
Nadadeira diant./tras.	frag. Falanges	1	0,019	3,846
	TOTAL →	2		

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

RS-LN-285

Na riqueza taxonômica do sítio RS-LN-285 esteve presente a família Otariidae. Os valores obtidos pelos índices de NISP e MNI foram respectivamente de três e dois (tabela 7). As estruturas com maior representatividade anatômica dos remanescentes eram da região do membro anterior, com um MNE de três, representada pelo esqueleto

apendicular (tabela 8). Os remanescentes ocorreram em duas camadas artificiais da estratigrafia do pacote arqueológico do sítio. O volume de material prospectado foi de 0,175 m³, um valor considerado pequeno.

Tabela 7. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-285. Índices quantitativos de riqueza taxonômica e anatômica, NISP e MNI, respectivamente.

Camadas artificiais				
Táxon ↓	1	3	NISP	MNI
Otariidae	1	2	3	2
TOTAL →	1	2	3	2

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Tabela 8. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-285. Índices quantitativos de riqueza anatômica MNE, MAU e %MAU.

		Otariidae ñ. ident.		
Região Anatômica	Elemento anatômico ↓	MNE	MAU	%MAU
Membro anterior	Rádio	2	1	100
Membro posterior	Tíbia	1	0,5	50
TOTAL →		3		

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

RS-LN-312

Os remanescentes faunísticos identificados no sítio RS-LN-312 pertenciam também a família Otariidae, o valor do NISP foi de quatro e o MNI de um (tabela 9). A estrutura com representatividade anatômica mais expressiva dos remanescentes foi o membro anterior, com um MNE obtido de quatro elementos, representada por elementos anatômicos do esqueleto axial e apendicular (tabela 10). Os remanescentes ocorreram apenas em uma camada artificial da estratigrafia do sítio. O volume amostral obtido com a prospecção foi de 2,80 m³, um valor considerado mediano.

Tabela 9. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-312. Índices quantitativos de riqueza taxonômica e anatômica NISP e MNI, respectivamente.

Camada artificial			
Táxon ↓	11	NISP	MNI
Otariidae	4	4	1
TOTAL →	4	4	1

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Tabela 10. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-312. Índices quantitativos de riqueza anatômica MNE, MAU e %MAU.

		Otariidae		
Região Anatômica	Elemento Anatômico ↓	MNE	MAU	%MAU
Nadadeira diant./tras.	frag. falange	1	0,019	3,846
Esqueleto axial	esterno	1	0,143	28,571
Membro anterior	ulna	1	0,5	100
	úmero	1	0,5	100
TOTAL →		4		

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

RS-LN-319

A arqueofauna que ficou em segunda ordem de diversidade taxonômica e representatividade foi a do sítio RS-LN-319, representado por três níveis taxonômicos, com um NISP de 16 e um MNI de três (tabela 11).

A representatividade anatômica mais expressiva foi de Otariidae, sobretudo por elementos ósseos da região do membro posterior, com um MNE de 10. Para o gênero *Arctocephalus* predominaram elementos anatômicos da região do membro posterior, com um MNE aferido de quatro. Quanto a *A. australis* predominaram ossos da região do crânio, com um MNE de dois (tabela 12). Os remanescentes prospectados ocorreram em duas camadas artificiais do pacote arqueológico. O volume prospectado foi de 0,375 m³, considerado como um valor pequeno.

Tabela 11. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-319. Índices quantitativos de riqueza taxonômica e anatômica, NISP e MNI, respectivamente.

Táxon ↓	Camadas artificiais		NISP	MNI
	2	3		
Otariidae	1	9	10	1
<i>Arctocephalus</i> sp.	1	3	4	1
<i>Arctocephalus australis</i>	-	2	2	1
TOTAL →	2	14	16	3

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Tabela 12. Frequência de remanescentes de pinípedes encontrados no sítio arqueológico RS-LN-319. Índices quantitativos de riqueza anatômica MNE, MAU e %MAU.

Região Anatômica	Elemento Anatômico ↓	Otariidae			<i>Arctocephalus</i> sp.			<i>Arctocephalus australis</i>		
		MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU	MNE	MAU	%MAU
Sincrânio	2° pós canino	0	0	0	0	0	0	1	0,5	100
	4° pós canino	0	0	0	0	0	0	1	0,5	100
Esqueleto apendicular	costela frag.	1	0,035	7,142	0	0	0	0	0	0
	íleo	0	0	0	1	0,5	100	0	0	0
	escápula	1	0,5	100	0	0	0	0	0	0
Membro anterior	ossos tarsais	4	0,333	66,667	0	0	0	0	0	0
	ulna frag/med	1	0,5	100	0	0	0	0	0	0
Membro posterior	1° metatarso	1	0,5	100	0	0	0	0	0	0
	fêmur-epi/dis	1	0,5	100	0	0	0	0	0	0
	tíbia	0	0	0	1	0,5	100	0	0	0
	calcâneo	0	0	0	1	0,5	100	0	0	0
	astrágalo	0	0	0	1	0,5	100	0	0	0
Nadadeira diant./tras.	falanges frag.	1	0,019	3,846	0	0	0	0	0	0
TOTAL →		10			4			2		

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Classe Etária dos Remanescentes

A análise das classes etárias relativas dos remanescentes, a partir dos centros de fusão epifisária, do conjunto das amostras arqueofaunísticas dos cinco sítios demonstrou nos remanescentes encontrados uma predominância (71,43 %) de juvenis (II) e subadultos (III) do gênero *Arctocephalus* (MNE = 15). Já para a espécie *O. flavescens* a faixa etária mais encontrada foi de adultos (IV), com 83,33% do total dos elementos anatômicos pertencentes a esta categoria etária (figuras 17, 18, 19 e 20).

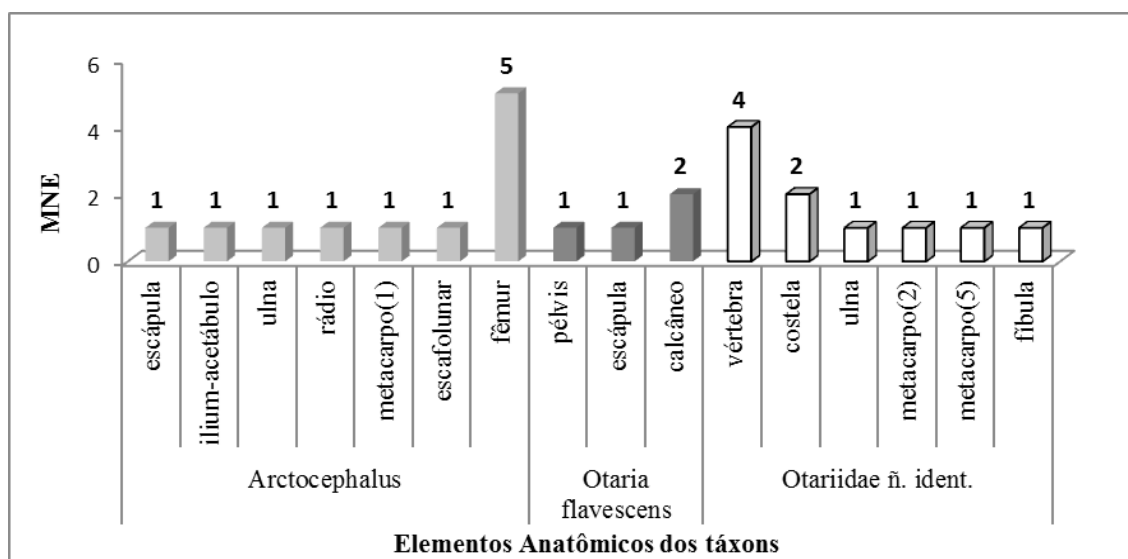
Manipulações Antrópicas

Analisando os remanescentes na busca por evidências de manipulação antrópica encontrou-se em 25 elementos anatômicos traços considerados como marcas de corte (= pequenas incisões oblíquas e transversais, subparalelas, perfil da marca de corte em 'V') (figura 14 e 19). Todos os remanescentes com marcas de corte (figura 14) pertenciam a arqueofauna do sítio RS-LN-19.

Para o nível de família Otariidae, foram identificados dez remanescentes com evidências de marcas de manipulação antrópica, estas predominando na região do esqueleto axial (vértebras). Para o gênero *Arctocephalus* foram encontrados 11 remanescentes anatômicos diferentes com marcas de corte, principalmente no membro posterior (fêmur), com marcas de corte paralelas e transversais em relação ao eixo axial da estrutura óssea. Para a espécie *O. flavescens* foram constatadas marcas em quatro remanescentes anatômicos, com predomínio de marcas paralelas e transversais em ossos da região do membro posterior, no calcâneo. Além disso, verificou-se que do MNE total de 128, essas marcas de ação antrópica ocorreram em 19,531 % dos remanescentes analisados.

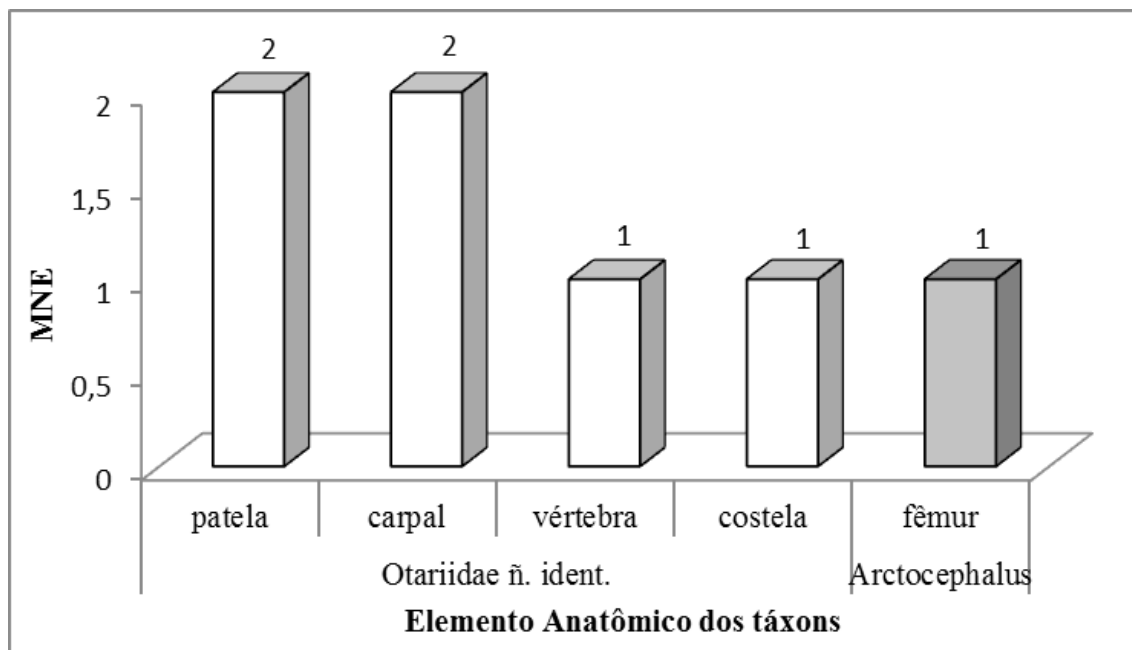
Foi também detectada outra característica associada à manipulação antrópica, as marcas de queima, de coloração enegrecida. Este aspecto de marca identificado em sete elementos anatômicos, ossos do membro anterior e posterior, assim como nos ossos da coluna (vértebras). Porém a maior representatividade dessas marcas foi nos ossos dos membros (esqueleto apendicular), sendo a marca de queima observada em seis remanescentes identificados como pertencentes à família Otariidae, e um em *Arctocephalus* (figuras 15 e 18). Os remanescentes com marcas de queima pertencem às arqueofaunas dos sítios RS-LN-19 e RS-LN-319.

Figura 14. Evidências de manipulação antrópica: marcas de corte nos remanescentes faunísticos da arqueofauna do sítio RS-LN-19.



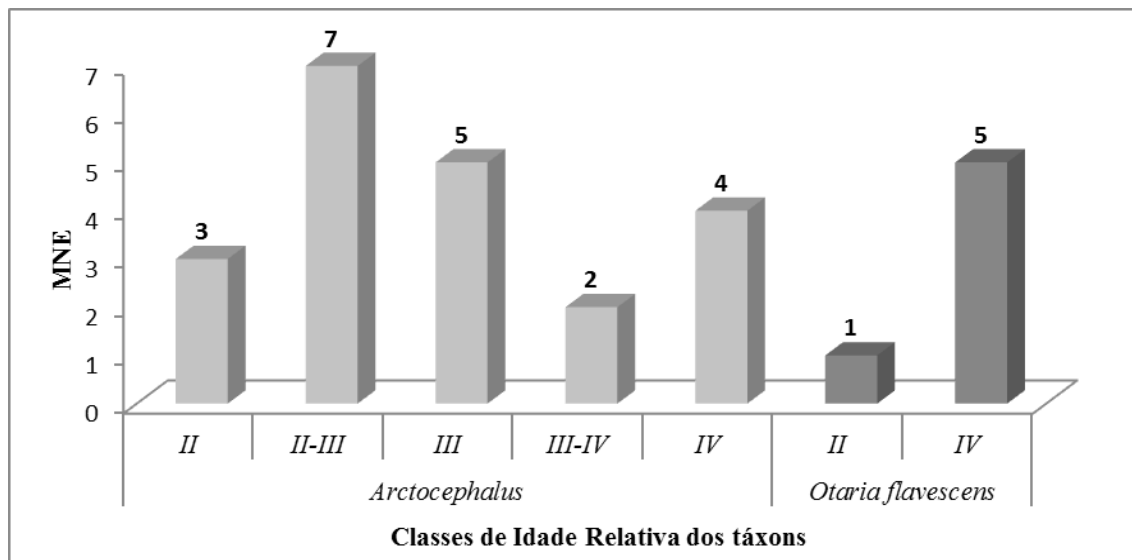
Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Figura 15. Evidências de manipulação antrópica nos remanescentes faunísticos das arqueofaunas dos sítios RS-LN-19 e RS-LN-319: marcas de queima (coloração enegrecida).



Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Figura 16. Classes de idade relativa inferidas a partir dos centros de fusão epifisiário (BORELLA et al., 2013) avaliados nos remanescentes faunísticos das arqueofaunas dos sítios RS-LN-19, RS-LN-279, RS-LN-285, RS-LN-312 e RS-LN-319, valores indicam número de elementos anatômicos avaliados.



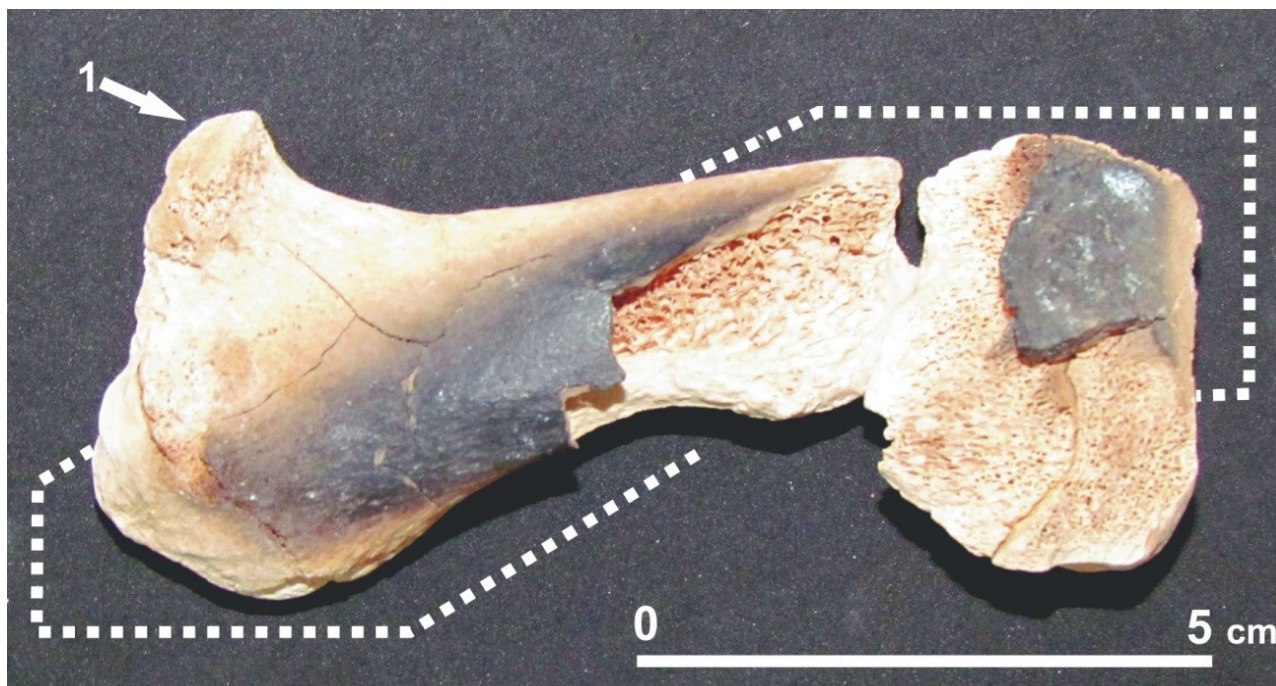
Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

Figura 17. Remanescente faunístico de *Arctocephalus* (RS-LN-19: 570-1) do sítio RS-LN-19. Ulna em vista medial com as setas numeradas indicando as seguintes estruturas: 1: crista da face lateral mais próxima da borda do olécrano; 2: incisura radial; 3: incisura troclear; 4: notar a borda do olécrano semifusionada; 5: não-fusão do processo estilóide a porção medial da ulna.



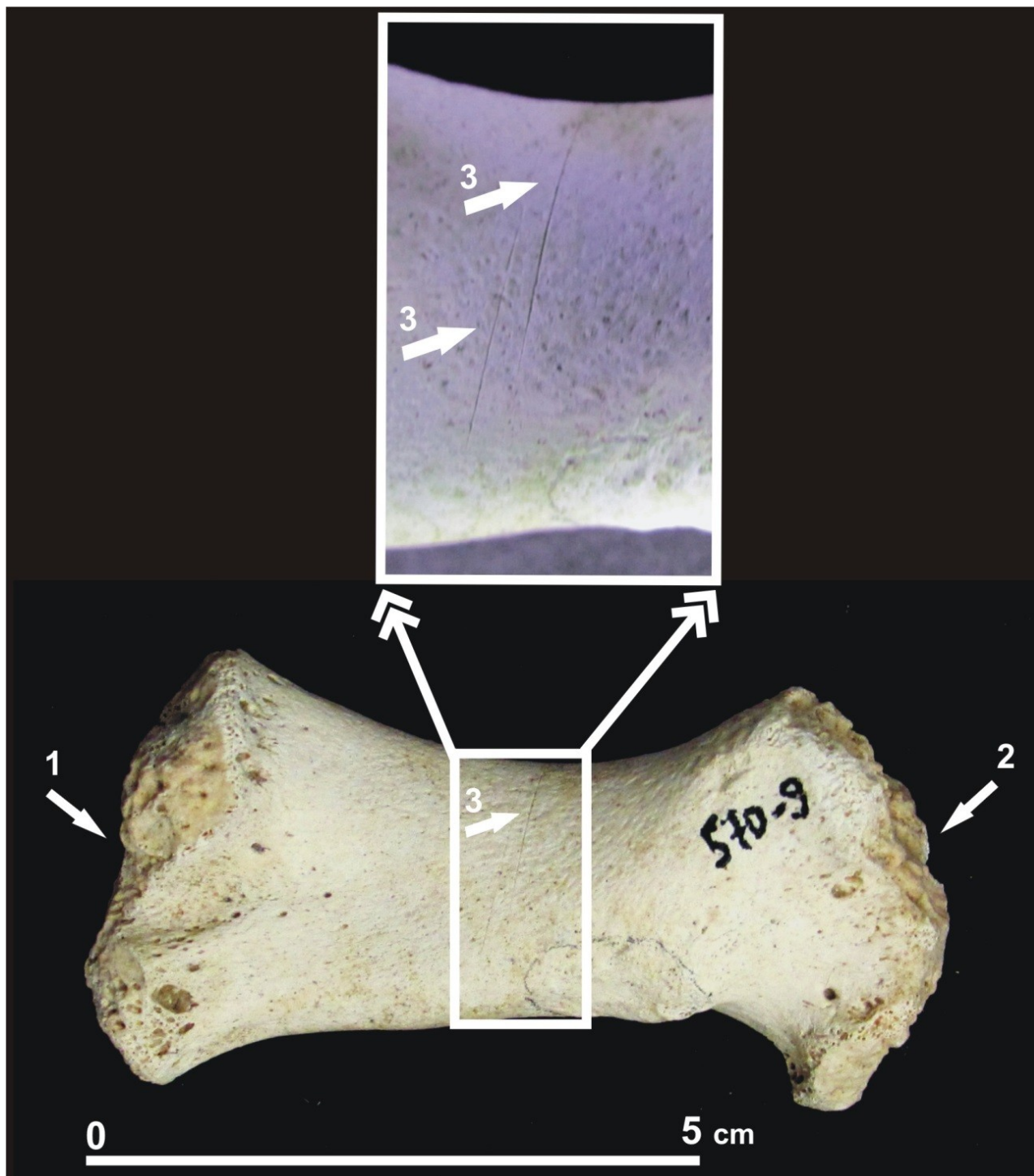
Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2018).

Figura 18 - Remanescente faunístico de *Arctocephalus* (RS-LN-19: 577-1), do sítio RS-LN-19. Fêmur em vista dorsal. 1: notar a não-fusão (ausência) da cabeça femoral a porção medial; **linhas tracejadas**: área da porção medial do osso que foi exposta ao fogo, coloração enegrecida.



Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2018).

Figura 19. Remanescente faunístico de *Arctocephalus* (RS-LN-19: 570-9) do sítio RS-LN-19. Fêmur, porção medial, em vista caudal, as setas numeradas indicam as seguintes características: 1: não-fusão (ausência) das epífises distais a porção medial; 2: não-fusão das epífises proximais a porção medial; 3: marcas de corte, duas linhas paralelas e transversais, perfil da marca de corte em 'V'.



Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2018).

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos podem ser considerados como um avanço com relação ao conhecimento da ocorrência de pinípedes em sítios arqueológicos na costa do Rio

Grande do Sul, no Sul do Brasil. Na análise dos remanescentes dos sítios da região foram identificadas uma família e duas espécies de otariídeos, ambas muito frequentes nos meses de inverno e primavera na atualidade para a área em estudo (Oliveira 2013). Em uma parte dos remanescentes também foi observada a existência de marcas de manipulação antrópica, o que sugere um potencial aproveitamento destes animais pelas antigas populações humanas da região. Estes resultados permitem sugerir que a ocorrência pretérita dos pinípedes na região é similar ao padrão de ocorrência atual, e que este grupo de animais era utilizado eventualmente por estas antigas populações humanas.

A identificação de espécies da família Otariidae é complexa devido à semelhança morfológica entre suas estruturas ósseas, gerando limitações para a identificação tanto de ossos inteiros de pós-crânio recentes, quanto de elementos fragmentados de remanescentes arqueológicos (e.g. Pérez Garcia, 2003). Apesar destas limitações, muitos autores têm obtido resultados na identificação de remanescentes faunísticos de sítios arqueológicos, em alguns casos até nível de espécie (e.g. Otariidae, *Otaria flavescens*, *Arctocephalus australis*, *Arctocephalus tropicalis*) em distintas regiões da costa do Atlântico (e.g. Castilho, 2005; Castilho e Simões-Lopes, 2008a, 2008b; Jacobus, Gil, 1987; Gazzaneo *et al.*, 1989; Rosa, 1996; Borella, 2006, 2014; Acosta e Loponte, 2013; Morello, *et al.*, 2015; Muñoz, 2015; Muñoz *et al.*, 2013; Cruz *et al.*, 2015; Cruz, Muñoz e Lobbia, 2010; San Román, 2010).

No presente trabalho, para a identificação dos remanescentes dos sítios do LNRS foi possível chegar até o nível taxonômico da família Otariidae e também espécies (*Arctocephalus australis* e *Otaria flavescens*). Para obter estes resultados foram fundamentais: os aportes bibliográficos (e.g. Pérez Garcia, 2003), a análise comparativa com os exemplares de coleções de referência (tabela 1, com indivíduos de ambos os sexos e diferentes faixas etárias), bem como a discussão final com um especialista em anatomia de pinípedes. Desta forma, foi possível confirmar a hipótese de que as espécies mais frequentes nos sítios arqueológicos seriam as mesmas que ocorrem em maior abundância para a região de estudo na atualidade (*A. australis* e *O. flavescens*) (e.g. Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Oliveira, 2013; Silva *et al.*, 2014).

Com base na análise das estruturas anatômicas mais representativas encontradas nos sítios analisados no LNRS, foi possível observar que os ossos do pós-crânio (esqueleto a exceção do crânio) foram os mais abundantes para as arqueofaunas de todos os sítios da região (tabelas 3, 5, 7, 9 e 11). A ulna foi o elemento ósseo mais representativo (e.g. tabelas 4, 10 e 12), sendo que este elemento está entre os cinco ossos mais densos da família (Borella *et al.*, 2007). Este fato pode ser uma explicação para a maior representatividade deste elemento, sendo uma das estruturas mais robustas do esqueleto de um otariídeo (Borella, *et al.* 2007). Outros elementos mais representativos nas arqueofaunas foram a escápula (área da cavidade glenóide) e o calcâneo, os quais também figuram entre as estruturas ósseas mais densas da família Otariidae (cf. Borella, *et al.* 2007).

A riqueza taxonômica do presente estudo foi um NISP de 159 remanescentes, distribuídos entre as arqueofaunas dos cinco sítios. Com os elementos anatômicos identificados se obteve um MNE de 128, formado principalmente por estruturas ósseas da região do esqueleto axial e apendicular. Considerando os resultados obtidos das riquezas e a identificação de uma única família e duas espécies de pinípedes, faz-se necessário ponderar que a fragmentação dos remanescentes poderia dificultar sua identificação, sendo possível somente chegar ao nível de família ou gênero. Dessa forma,

é importante salientar que possivelmente com um incremento na prospecção nos sítios arqueológicos, a coleta de estruturas com caráter diagnóstico poderia eventualmente ser ampliada, o que poderia permitir a identificação de outras espécies, além das aqui identificadas.

Ainda em relação à fragmentação dos remanescentes é importante salientar que extremamente difícil determinar se a fragmentação ocorreu por manipulação humana ou por fatores pós deposicionais. Contudo, a fim de se estimar como este aspecto afeta a identificação dos espécimes, calculou-se o percentual de fragmentação da amostra para a arqueofauna de cada sítio (Marshall e Pilgram, 1993; Terreros, 2013), tendo como base os valores obtidos de NISP e MNE (tabela 13), dentro de uma escala de baixo a alto grau de fragmentação. Os valores de fragmentação dos sítios do presente estudo foram comparados com um sítio costeiro da Patagônia Argentina com remanescentes de otariídeos (Muñoz, 2015). Os resultados dos sítios do LNRS mostraram que a fragmentação pode ser considerada média em quatro sítios, à exceção do sítio RS-LN-279, onde é considerada alta, semelhante ao observado no sítio argentino. Contudo, mesmo no sítio com a maior amostra (RS-LN-19) e com fragmentação dita média de seus remanescentes, a riqueza taxonômica foi maior, em relação aos demais sítios (tabela 13).

Tabela 13. Avaliação do grau de fragmentação com base nos índices NISP e MNE nos sítios arqueológicos deste estudo, comparados com um exemplo para a província de Santa Cruz, na Patagônia Argentina (Muñoz, 2015).

Sítio	NISP	MNE	NISP÷MNE	Grau de Fragmentação
RS-LN-19	130	103	1,262	Médio
RS-LN-279	6	2	3	Alto
RS-LN-285	3	3	1	Médio
RS-LN-312	4	4	1	Médio
RS-LN-319	16	10	1,600	Médio
Cabeza de León 1*	142	59	2,406	Alto

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2018), Cabeza de León 1* detalhes em Muñoz (2015).

Na costa da Argentina a ocorrência de remanescentes de pinípedes em sítios arqueológicos é expressiva em alguns setores litorâneos austrais, onde foram identificados ossos de pós-crânio pertencentes à família Otariidae e com as mesmas espécies encontradas no LNRS, *A. australis* e *O. flavescens* (e.g. Schiavini, 1993; Borella, 2006, 2014; Acosta e Loponte, 2013; Muñoz et al., 2013; Cruz et al., 2015; Cruz, Muñoz e Lobbia, 2010; San Román, 2010; Morello et al., 2015). A localização dos sítios arqueológicos na costa Norte da Patagônia, e principalmente nas províncias de Rio Negro e Chubut, uma região litorânea sabidamente conhecida pela ocorrência atual de colônias reprodutivas de lobos e leões-marinhos sul-americanos (Borella, 2006). Os estudos realizados que encontraram pinípedes em sambaquis na costa brasileira foram feitos exclusivamente no litoral de Santa Catarina. E os remanescentes encontrados foram identificados como membros da família Otariidae, sendo três espécies: *A. australis*, *A. tropicalis* e *O. flavescens* (e.g. Castilho, 2005; Castilho e Simões-Lopes, 2008a, 2008b).

As datações utilizadas no presente estudo pelo método de C^{14} foram realizadas em sítios arqueológicos do município de Arroio do Sal, gerando um panorama para a área como um todo e evidenciando o início da ocupação humana (Rogge e Schmitz, 2010). Desta forma, a idade dos remanescentes faunísticos depositados nas camadas dos sítios arqueológicos analisados foi assumida como a mesma das camadas datadas, as quais possuíam em torno dos 3.000 A.P. (ver tabela 14). Na costa da Argentina, no sítio Punta Entrada na província Santa Cruz, a datação de remanescentes de pinípedes foi de 2.130

A.P. (Cruz *et al.*, 2015). Borella (2014) apresentou uma compilação de diversos sítios datados com ocorrência de pinípedes nas províncias de Buenos Aires, Rio Negro, Chubut e Santa Cruz, sendo o mais antigo em 5.390 A.P. e o mais recente 380 A.P. Na província de Tierra del Fuego, as datações obtidas nos sítios Lancha Packewai, Túnel I e Túnel VII teve a data mais antiga em 6.140 A.P. (Túnel I) e a mais recente 100 A.P. (Lancha Packewai) (Schiavini, 1993). Na costa da Patagônia Meridional do Chile, no extremo Sul, no sítio Santa Ana 1, as duas camadas datadas alcançaram 6.290 e 6.330 A.P. (San Román, 2010).

Tabela 14. Sítios arqueológicos com presença de remanescentes ósseos de pinípedes, ocorrência por número de camadas estratigráficas identificadas e datadas.

Sítio	Nº de Camadas Artificiais	Camada Datada	Camada com Remanescentes de Pinnípedes	Datação Obtida
RS-LN-19	13	ñ possui	da 1 até a 13	-
RS-LN-279	11	nº 10 e 11	4	3.310 A.P.
RS-LN-285	7	ñ possui	1 e 3	-
RS-LN-312	14	nº 13	11	3.050 A.P.
RS-LN-319	6	nº 4 e 5	2 e 3	3.660 A.P.

Fonte: elaborado por S. Ferrasso (2017).

As classes de idade relativa dos espécimes de pinípedes encontradas nas arqueofaunas do LNRS foram avaliadas a partir de centros de fusão ósseo (Borella *et al.*, 2013; figura 17) e sugeriram que 71,43% dos remanescentes de *Arctocephalus* pertenciam a indivíduos juvenis/subadultos e 28,57% a indivíduos adultos. Para *O. flavescens* 83,33% dos remanescentes era de adultos. Oliveira (1999) realizou uma robusta investigação a partir de determinação da idade cronológica de 116 espécimes a partir da leitura dos grupos de linha de crescimento da dentina. Como resultado, foi observado que os 64,77% dos espécimes analisados de *A. australis* era de filhotes/juvenis e apenas 35,23% adultos. Já 60% dos espécimes de *A. tropicalis* eram adultos e 40% de filhotes/juvenis; 66,67% de *A. gazella* eram juvenis e 33% adultos. Para *O. flavescens* foram registrados 50% de espécimes juvenis e 50% adultos e *M. leonina* o único espécime coletado no período de estudo era um juvenil. De uma maneira geral, os resultados do presente estudo com base nos remanescentes das arqueofaunas são similares ao padrão atual observado dos pinípedes registrado por Oliveira (1999) no LNRS, com a predominância de juvenis para o gênero *Arctocephalus*. Por outro lado, apesar de ter sido observado um predomínio de adultos de *O. flavescens* no registro arqueofaunístico, esse resultado não pode ser interpretado como diferente do registrado por Oliveira (1999), ou ainda por Procksh (2020) (este último encontrou um predomínio de subadultos de leão-marinho-sul-americano no REVIS Ilha dos Lobos através de contagens aéreas), devido a possibilidade de muitos remanescentes não terem sido identificados, em nível genérico ou específico, o quais poderiam pertencer às outras categorias etárias.

Com relação à utilização dos pinípedes no LNRS pelos humanos pré-históricos, foi confirmada pela identificação de marcas de corte sobre ossos de animais de diferentes formas, em geral em forma de estrias com secção em 'V', de comprimentos variáveis e com marcas paralelas em sentido longitudinal ou transversal ao eixo axial do osso em questão (Lyman, 1996; Terreros, 2013). O desmembramento de animais produz marcas de corte que podem aparecer nas bordas de superfícies articulares e nas extremidades epifisiárias (Lyman, 1987, 1996; Mengoni Goñalons, 1999). Marcas de corte observadas nos remanescentes faunísticos, predominaram em ossos longos, eram pequenas

incisões, oblíquas e subparalelas, localizadas nas porções distais das diáfises. Em segundo lugar se destacaram marcas em vértebras, nas espinhas neurais, em sentido transversal. As marcas nos demais ossos longos seguiram em linhas gerais a mesma tipologia de apresentar cortes paralelos e transversais.

Os resultados relacionados às marcas de corte são um indicativo relevante de manipulação antrópica para o seccionamento do animal em partes menores. Este padrão observado nas marcas de manipulação é condizente com o observado para mamíferos terrestres, como o guanaco (Mengoni Goñalons, 1999) e também para mamíferos marinhos (Castilho, 2005; Castilho e Simões-Lopes, 2008b) e com otariídeos (Acosta e Loponte, 2013; Muñoz, 2015). A utilização de outras espécies de otariídeos (*Eumetopias jubatus*, *Zalophus californianus*, *Callorhinus ursinus* e *Arctocephalus townsendi*) e focídeos (*Phoca vitulina*) ocorreu também na costa do Pacífico, nos Estados Unidos, na América do Norte (Hildebrandt e Jones, 1992; Lyman, 1995; Etnier, 2007). Este fenômeno também foi observado na costa Atlântica da Espanha, onde o consumo da foca-monge-do-Mediterrâneo, *Monachus monachus*, já foi registrado em populações pré-históricas de *Homo sapiens* (Morales-Pérez et al., 2017). No oceano Pacífico, especificamente no Mar do Japão, foi registrada exploração de otariídeos (*Eumetopias jubatus* e *Callorhinus ursinus*) pela cultura Jomon (Sakaguchi, 2007).

A identificação de marcas de queima em remanescentes faunísticos de sítios arqueológicos é realizada predominantemente através de critérios macroscópicos, observando principalmente alterações na coloração (Buikstra e Swegle, 1989; Lyman, 1996). Aspectos da coloração e textura dos ossos podem ser utilizados como indicadores de qual a temperatura a que foram expostos os ossos (Shipman, et al., 1984). De acordo com Shipman et al. (1984), ocorrem cinco estágios na exposição à elevação de temperatura: 1º apresenta coloração amarela (20-185° C), 2º estágio coloração marrom (225-400° C), 3º coloração negra, negra-azulada (440-525° C), 4º coloração branca-azulada-cinza (545-870° C), 5º estágio com coloração branca, semelhante a um giz, (870-940° C). Buikstra e Swegle (1989) em seu experimento buscaram compreender mudanças de coloração em ossos (frescos, secos, com carne, descarnados), e observaram que uma mudança de coloração uniforme ocorre somente em ossos totalmente descarnados, ossos com carne proporcionam coloração desigual na superfície óssea.

As marcas de queima observadas nos remanescentes das arqueofaunas estudadas possuem a coloração enegrecida, como no estágio três de Shipman, et al. (1984) com a exposição sugerida a temperaturas entre 400°C a 525°C. Outro aspecto observado foi que a superfície do remanescente possuía uma coloração desigual, estando parte com coloração negra e parte com coloração normal (ver figura 19). De acordo com Buikstra e Swegle (1989), elementos ósseos que possuíssem na hora de sua exposição ao fogo partes de tecidos moles (músculos, nervos, gordura, peles, etc.), ficariam com essa coloração desigual. Em seu trabalho Moreno-Garcia, Davis e Pimenta (2003) consideraram que remanescentes ósseos com marcas de corte e queima, permitem inferir a associação destes com o homem e estas marcas seriam evidências robustas de terem sido manipulados por ação humana. Portanto, sugere-se que as marcas observadas nos remanescentes deste estudo seriam assinaturas antrópicas (marcas de corte e queima) e evidências de que destes animais presentes nas camadas estratigráficas dos sítios analisados poderiam ser resultado de manipulação intencional por parte dessas antigas populações.

A ocorrência de ossos de todas as regiões anatômicas, ao menos na arqueofauna do sítio RS-LN-19 (tabela 4), permite pressupor a hipótese de que os indivíduos

capturados na praia eram levados inteiros ao sítio, e ali eram desmembrados. Ainda em relação ao sítio RS-LN-19 foi observado uma grande quantidade de remanescentes entre as camadas artificiais 5 e 8, resultado que poderia ser considerado como um indicativo de uma ocupação mais intensa por parte dos habitantes do sítio, por exemplo, uma ocupação por um número maior de indivíduos, ou por mais tempo. A discussão sobre forma de captura dos pinípedes pelas populações humanas sambaquianas na região de estudo é uma questão complexa, e as condições físicas dos espécimes de pinípedes que frequentam a região de estudo na atualidade podem oferecer potenciais explicações.

Os pinípedes costumam chegar ao litoral do Rio Grande do Sul majoritariamente entre os meses de inverno e primavera oriundos de colônias reprodutivas do Uruguai e da Argentina. As duas espécies com maior número de registros são *A. australis* e *O. flavescens* (Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Oliveira *et al.*, 2008; Oliveira, 2013; Silva *et al.*, 2014). Todos os estudos sobre as espécies dos pinípedes e os aspectos biológicos relacionados com suas ocorrências no LNRS sugerem a possibilidade que muitos desses indivíduos chegassem à região bastante debilitados e seriam em sua maioria jovens, recém desmamados que estariam fazendo suas primeiras incursões marinhas (Oliveira, 1999), que se perderam na Corrente das Malvinas. (e.g. Pinedo, 1990; Pinedo *et al.*, 1992; Simões-Lopes *et al.*, 1995; Oliveira, 1999; Oliveira *et al.* 2008; 2013; Silva *et al.*, 2014). Neste contexto, quando estes animais chegassem ao LNRS, eles estariam eventualmente tão debilitados que nem conseguiriam se alimentar, o que foi observado em um grande número de espécimes de *A. australis* com estômago vazio (Oliveira *et al.*, 2008). Se este cenário ocorresse também no passado, os espécimes de pinípedes que chegassem ao LNRS nestas condições nutricionais poderiam vir a óbito ou ainda serem facilmente capturados pelas populações de humanos da região. Além disso, com base na sazonalidade da ocorrência dos pinípedes na região, poderia se supor ainda que este táxon constituiria um recurso estacional ao longo do ano, e que a sua captura por parte dos antigos habitantes da costa do RS se daria de forma ocasional.

Mesmo em regiões de colônias reprodutivas históricas de pinípedes (não apenas de ocorrência sazonal e de espécimes moribundos), como na costa da Argentina, na Patagônia, ao sul do Rio Santa Cruz (sítio arqueológico Punta Entrada e Monte León), existem registros do consumo destes animais pelas populações humanas pré-históricas, inclusive com registros de artefatos líticos, de formato esférico, com um sulco central, estes denominados como ‘rompecráneos’, cuja função seria para abater pinípedes (Cruz, Muñoz e Lobbia, 2010). No entanto, este tipo de artefato ou semelhante, ainda não foi encontrado em nenhum dos sítios analisados no presente estudo (e.g. Miller, 1966; Kern, 1985; Rogge e Schmitz, 2010), o que impede supor que este tipo de tecnologia tenha sido compartilhada entre populações humanas do Atlântico sul ocidental.

O estudo da arqueofauna de pinípedes encontrados em sítios no LNRS é o segundo a ser realizado sobre este grupo no Brasil, apresentando dados inéditos e sobre a ocorrência pretérita destes animais na costa do RS e sua utilização por antigas populações humanas. Os resultados obtidos demonstraram que a composição pretérita de espécies de pinípedes coincide com as espécies mais frequentes atualmente na região. Contudo, não se descarta a hipótese que as demais espécies antárticas e subantárticas como *A. tropicalis*, *A. gazela*, *M. leonina*, *H. leptonyx*, *L. weddelli* e *L. carcinophaga* também tenham ocorrido na região, já que estas são consideradas de ocorrência ocasional para o litoral do Brasil (Pinedo, 1992; Oliveira 2013; Frainer *et al.*, 2017).

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A.; LOPONTE, D. Registro de pinnípedos em contextos arqueofaunísticos de cazadores-recolectores del Nordeste de la provincia de Buenos Aires. *Cuadernos del INAPL: Arqueología*, Buenos Aires, n. 19, p. 1-8, 2013.
- AFONSO, M. C.; BLASIS, P. A.D. de. Formação de um grande sambaqui: Espinheiros II, um estudo de caso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 4, p. 21-30, 1994.
- ÁRNASON, Ú.; BODIN, K.; GULLBERG, A.; LEDJE, C.; MOUCHATY, S. A molecular view of Pinnipeds with particular emphasis on true seals. *Journal of Molecular Evolution*, New York, n. 40, p. 78-85, 1995.
- AUDIBERT, P.; DREHMER, C. J.; DANILEWICZ, D.; OLIVEIRA, L. R. de. Do cranial suture age and growth layer groups correlate in South American pinnipeds? *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*, United Kingdom, n. 98, v. 3, p. 635-644, 2018.
- BAHN, P.. *Arqueologia: uma breve introdução*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- BANDEIRA, D. R. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga – Arqueologia e Etnicidade*. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- BARNES, L. G.; DOMING, D. P.; RAY, C. E. Status of studies on fossil marine mammals. *Marine Mammal Science, Massachusetts*, n. 1, p. 15-53, 1985.
- BARRETO, C. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 32-51, 2000.
- BASTIDA, R.; RODRIGUEZ, D. Orden Carnivora (Familias Otariidae y Phocidae). In: BARQUEZ, R. M.; DIAZ, M. M.; OJEDA, R. A. (Org.). *Mamíferos de Argentina: Sistemática y Distribución*. Buenos Aires, Sociedad Argentina para el Estudio de los Mamíferos, 2006. p.107-113.
- BAUERMANN, S. G.; BEHLING, H.; MACEDO, R. B.. 2009. Biomas regionais e evolução da paisagem no Rio Grande do Sul com base em paleopolinologia. In: RIBEIRO, A. M.; BAUERMAN, S. G.; SCHERER, C. S. (Org.). *Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos*. Sociedade Brasileira de Paleontologia, Porto Alegre, RS. p. 81-94.
- BERTA, A. Pinnipedia, Overview. In: PERRIN, W. F.; WURSIG, B.; THEWISSEN, J. G. M. (Org.). *Encyclopedia of Marine Mammals*, 2 ed. New York, Academic Press, 2008. p. 878-885.
- BERTA, A.; SUMICH, J. L.; KOVACS, Kit, M. *Marine Mammals: evolutionary biology – 2a ed.* USA: Academic Press, 2006.
- BERWICK, D. E. Valoracion del analisis sistemático de los restos de fauna em sítios arqueológicos. *Chungara*, Arica, n. 5, p. 125-140, 1975.
- BORELLA, F. ¿Dónde están los lobos en la costa atlántica de Norpatagonia? Explorando vías para resolver el registro arqueofaunístico. *Werken*, Chile, n. 9, p. 97-114, 2006.
- BORELLA, F. 2014. Zooarchaeological Evidence of Otariids in Continental Coast of Patagonia, Argentina: Old And New Perspectives. In: MUÑOZ, A. S.; GOTZ, C. M.; ROCA, E. R. (Org.). *Neotropical and Caribbean Aquatic Mammals: perspectives from archaeology and conservation biology*. New York, Nova Science Publishers, 2014. p. 135-160.
- BORELLA, F.; GRANDI, F.; VALES, D. G.; GOODAL, R. N. P.; CRESPO, E. A. Esquema preliminar de fusión epifisária em huesos de lobos marinos (*Arctocephalus australis* y *Otaria flavescens*) su contribución em los análisis zooarqueológicos. In: ZANGRANDO, A. F.; BARBERENA, R. (Org.). *Tendencias teórico-metodológicas y casos de estudio en la arqueología de la Patagonia*. Mendoza, Museo de Historia Natural de San Rafael, 2013. p. 39-51.

- BORELLA, F.; GUTIERREZ, M. A.; FODERE, H. R.; MERLO, J. F. Estudio de densidad mineral ósea para dos especies de otáridos frecuentes en el registro arqueofaunístico patagónico (*Otaria flavescens* y *Arctocephalus australis*). In: F. MORELLO, F.; PRIETO, A.; MARTINIC, M.; BAHAMONDE, G (Org.). *Desenterrando Huesos, recolectando piedras, develando arcanos...VI Jornadas de Arqueología de Patagonia*. Punta Arenas, CEQUA, 2007. p. 421 – 426.
- BRAUNN, P. R.; FERIGOLO, J. Osteopatologias e alterações dentárias em *Otaria byronia* (Pinnipedia, Otariidae) da costa do Rio Grande do Sul, Brasil. *Iheringia, Zoologia*, Porto Alegre, n. 94, v.2, p. 117-122, 2004.
- BUICKSTRA, J. E.; SWEGLE, M. Bone modification due to burning: experimental evidence. In: BONNICHSEN, R.; SORG, M. H. (Org.). *Bone Modification*. Orono: Center for The Study of First Americans, 1989. p. 247-258.
- CABRERA, A.; YEPES, J.. *Mamíferos Sud Americanos: tomo I*. Buenos Aires: EDIAR, 1960.
- CASTILHO, P. V. de. *Mamíferos marinhos: um recurso de populações humanas pré-coloniais do litoral de Santa Catarina*. 2005. 201 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Programa de Pós-Graduação em Zoologia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2005.
- CASTILHO, P. V. de. Utilization of cetaceans in shell-mounds from the southern coast of Brazil. *Quaternary International*, n. 180, p.107–114, 2008.
- CASTILHO, P. V. de; SIMÕES-LOPES, P. C. Registros de modificação óssea em restos faunísticos arqueológicos de mamíferos marinhos. *Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, Xingó, n. 12, p.173-190, 2008a.
- CASTILHO, P. V. de; SIMÕES-LOPES, P. C. Sea mammals in archaeological sites on the southern coast of Brazil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 18, p. 101-113, 2008b.
- CASTILHO, P. V. de; SIMÕES-LOPES, P. C. Zooarqueologia dos mamíferos aquáticos e semi-aquáticos da Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, n. 18, v. 3, p. 719-727, 2001.
- CHMYZ, I. *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966.
- CRUZ, I.; ERCOLANO, B.; MASTRÁNGELO, D. S. C.; LEMAIRE, C. R. P 96 (Punta Entrada, Santa Cruz): um sitio arqueológico costeiro al Sur del rio Santa Cruz. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, Buenos Aires, n. 35, v. 1, p. 253-277, 2015.
- CRUZ, I.; MUÑOZ, A. S.; LOBBIA, P. A. La explotación de recursos marinos en la costa de Patagonia continental: Los restos de vertebrados en depósitos de Punta Entrada y Monte León (Santa Cruz, Argentina). In: XVII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA ARGENTINA, 2010. *Anais...* Universidad Nacional de Cuyo, Buenos Aires, Tomo I, n. 4: 31-41. p.
- DE MASI, M. A. N. Pescadores Coletores da Costa Sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 57, p. 1-136, 2001.
- DREHMER, C. J. Pinnipedia Illiger, 1811: uma abordagem histórica e epistemológica sobre a classificação, evolução e paleontologia. *Acta Geologica Leopoldensia*, São Leopoldo, n. 23, v. 50, p. 91-105, 2000.
- DREHMER, C. J. *Variação geográfica em Otaria byronia (de Blainville, 1820) (Pinnipedia, Otariidae) com base na morfometria sincraniana*. 2005. Tese (Doutorado em Biologia Animal), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- DREHMER, C. J.; FERIGOLO, J.. 1996. Anomalias e patologias dentárias em *Arctocephalus* G. Saint-Hilaire & Cuvier (Pinnipedia, Otariidae) da costa do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, n. 13, v. 4, p. 857-865, 1996.

- DREHMER, C. J.; FERIGOLO, J.; BORSATO, E. S. Ocorrência de *Mirounga leonina* Linnaeus (Pinnipedia, Phocidae) no extremo-Sul do Brasil: agressão e patologias. *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, n. 15, v. 4, p. 1061-1068, 1998.
- ETNIER, M. A. Defining and identifying sustainable harvests of resources: Archaeological examples of pinniped harvests in the eastern North Pacific. *Journal for Nature Conservation*, Amsterdã, n. 15, p. 196-207, 2007.
- FERRASSO, S.; FIORENTIN, G. L.; SCHMITZ, P. I. Identificação de remanescentes conchiliológicos de um assentamento holocênico na planície costeira do Rio Grande do Sul: contribuições sob o enfoque zooarqueológico. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 72, p. 225-266, 2016.
- FERRASSO, S.; ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. Composição arqueofaunística do sítio RS-LN-285, Arroio do Sal, RS, Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 68, p. 217-230, 2013.
- FERRASSO, S.; SCHMITZ, P. I. Contribuições da práxis zooarqueológica na interpretação das estratégias de captação de recursos e assentamento: a análise do sítio RS-LN-279, litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. *Cuadernos del INAPL*, Buenos Aires, n. 2, v. 4, p. 121-134, 2015.
- FORCADA, J. *Distribution*. In: PERRIN, W. F.; WURSIG, B.; THEWISSEN, J. G. M. (Org.). *Encyclopedia of Marine Mammals*, 2 ed. New York, Academic Press, 2008. p. 316-321.
- FOSSARI, T. D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. 2004. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2004.
- FRAINER, G.; HEISSLER, V. L.; MORENO, I. M. A wandering Weddel seal (*Leptonychotes weddellii*) at Trindade Island, Brazil: the extreme sighting of a circumpolar species. *Polar Biology*, Germany, n. 41, p. 579-582, 2018.
- GASPAR, M. D. Aspectos da organização social de pescadores-coletores: região compreendida entre Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. *Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo, n. 59, p. 13-163, 2003.
- GASPAR, M. D. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- GAZZANEO, M.; JACOBUS, A. L.; MOMBERGER, S. 1989. O uso da Fauna pelos Ocupantes do Sítio de Itapeva (Torres, RS). *Documentos: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*, São Leopoldo, n. 03, p.123- 144, 1989.
- HESTER, T. H.; HEIZER, R. F.; GRAHAM, J. A. *Métodos de Campo em Arqueología*. México: Fondo de Cultura Economica, 1988.
- HILDEBRAND, M.; GOSLOW, G. E. Jr. *Análise da Estrutura dos Vertebrados – 2a ed.* São Paulo: Atheneu, 2006.
- HILDEBRANDT, W. R. Evolution of Marine Mammal Hunting: A View from the California and Oregon Coasts. *Journal of Anthropological Archaeology*, Massachusetts, n. 11, p. 360-401, 1992.
- JACOBUS, A. L. Uma Proposta para a Práxis em Zooarqueologia do Neotrópico: um estudo de arqueofaunas do Abrigo Dalpiaz (Um Sítio de Caçadores Coletores na Mata Atlântica). *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, n. 39, p.49-110, 2004.
- JACOBUS, A. L.; CHAVEZ GIL, R. Primeira Comunicação sobre os Vestígios Faunísticos Recuperados no Sítio de Itapeva (Torres, RS). *Véritas*, Porto Alegre, n. 32, v. 125, p. 115- 119, 1987.

- JEFFERSON, T. A.; LEATHERWOOD, S.; WEBBER, M. A. *Marine Mammals of the World*. Roma: United Nations Environment Programme/Food and Agriculture Organization of the United Nations, 1993.
- KASPER, J. C. *Skeletal Identification of California Sea Lions and Harbor Seals for Archaeologists*. San Diego: Museum of Man, 1980.
- KERN, A. A. Sondagens no sítio arqueológico de Xangri-lá: uma experiência didática em arqueologia de salvamento. *Revista do IFCH-UFRGS*, Porto Alegre, n. 13, p. 84-110, 1985.
- KORETSKY, I. A.; BARNES, L. G.; RAHMAT, S. J. Re-evaluation of Morphological Characters Questions Current Views of Pinniped Origins. *Vestnik zoologii: evolution and phylogeny*, Ucrânia, n. 50, v. 4, p. 327-354, 2016.
- L'HEUREX, G. L.; BORELLA, F. *Guía osteométrica para el estudio de elementos óseos de Otaria flavescens*. Tandil : Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2011.
- LEDJE, C. *Phylogeny of Caniform Carnivores, with specific emphasis on Pinnipeds: a study based on nuclear DNA*. Tese (Doutorado em Genética), University of Lund, Suécia, 1995.
- LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do Litoral Centro-Sul do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 270-327, 2000.
- LIMA, T. A. Zooarqueologia: considerações teórico-metodológicas. *Dédalo: Publicação Avulsa*, São Paulo, n. 1, p.175-189, 1989.
- LYMAN, R. L. On the evolution of marine mammal hunting on the West Coast of North America. *Journal of Anthropological Archaeology*, Massachusetts, n. 14, p. 45-77, 1995.
- LYMAN, R. L. Quantitative units and terminology in Zooarchaeology. *American Antiquity*, Washington, n. 59, v. 1, p. 36-71, 1994.
- LYMAN, R. L. *Vertebrate taphonomy*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- LYMAN, R. L. Zooarchaeology and Taphonomy: a general consideration. *Journal of Ethnobiology*, Washington, n. 7, v.1, p. 93- 117, 1987.
- MARSHALL, F.; PILGRAM, T. NISP vs MNI in quantification of body part representation. *American Antiquity*, Washington, n. 58, v. 2, p. 261-269, 1993.
- MENEZES, M. E.; DREHMER, C. J. Osteologia Pós-craniana comparada entre *Arctocephalus australis* Zimmermann, 1783 e *Arctocephalus tropicalis* (Gray, 1872) (PINNIPEDIA-OTARIIDAE). In: Anais da 8ª Reunião de Trabalho de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul e 2º Congresso de la Sociedad Latinoamericana de Especialistas en Mamíferos Acuáticos, 1998, Olinda. *Anais...* Olinda: 1998. p. 128.
- MENGONI GOÑALONS, G. *Cazadores de Guanacos de la Estepa Patagónica*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Antropología, 1999.
- MENGONI GOÑALONS, G. Zooarqueología em la práctica: algunos temas metodológicos. *Revista Xama*, Mendoza, n. 19, v. 23, p. 83-113, 2010.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. Breve notícia sobre a ocorrência de zoólito no sambaqui de Xangrilá, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, n. 11, p. 35- 44, 1982.
- MILLER, E. T. *Registro de Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul: LN-19/Capão Alto*. Catálogo de Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), Taquara: MARSUL, 1966.
- MORALES-PEREZ, J.V.; PEREZ RIPOLL, M.; JORDA PARDO, J. F.; ALVAREZ-FERNANDEZ, E.; MAESTRO GONZALEZ, A.; AURA TORTOSA, J. E. Mediterranean monk seal hunting in the regional Epipalaeolithic of Southern Iberia. A study of the Nerja Cave site (Malaga, Spain). *Quaternary International*, Amsterdã, n. in press, 2017.

- MORELLO, F.; CALÁS, E.; TORRES, J.; BORELLA, F.; SAN ROMÁN, M.; MARTIN, F.; CONTRERAS, L.; MARTÍNEZ, I.; ALFONSO-DURRUTY, M.; MASSONE, M. Punta Baxa 7: sítio arqueológico de la costa Norte de Tierra del Fuego, Estrecho de Magallanes (Chile). *Magallania*, Chile, n. 43, v. 2, p.69-90, 2015.
- MORENO-GARCIA, M.; DAVIS, S.; PIMENTA, C. M. 2003. Arqueozoologia: estudo da fauna do passado. *Trabalhos de Arqueologia* 29: Paleoecologia Humana e Arqueociências - Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura, Lisboa, n. 29, p. 191-234, 2003.
- MUÑOZ, S. A. El registro zooarqueológico del Parque Nacional Monte León (Santa Cruz, Argentina): una perspectiva desde o sitio arqueológico Cabeza de León 1. *Arqueología*, Buenos Aires, n. 21, v. 2, p. 261-276, 2015.
- MUÑOZ, S. A.; CRUZ, I.; LEMAIRE, C. R.; PRETTO, A. Los restos arqueológicos de pinnípedos de la desembocadura del río Santa Cruz (Punta Entrada, Costa Atlántica de Patagonia) em perspectiva regional. In: ZANGRANDO, A. F.; BARBERENA, R. (Org.). *Tendencias teórico-metodológicas y casos de estudio en la arqueología de la Patagonia*. Mendoza, Museo de Historia Natural de San Rafael, 2013. p. 459-467.
- NEVES, W. A. Paleogenética dos grupos pré-históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo, n. 43, p. 15-174, 1988.
- NIAKATURA, K; BININDA-EMONDS, O. R. P. Updating the evolutionary history of Carnivora (Mammalia): a new species-level supertree complete with divergence time estimates. *BioMed Central Biology*, n. 10, v. 12, p. 1-31, 2012. Disponível em: <<https://bmcbiol.biomedcentral.com/articles/10.1186/1741-7007-10-12>>. Acesso em 15 nov. 2017.
- OKUMURA, M. M. M. Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. *Pesquisas Antropologia*, São Leopoldo, n. 63, p. 9-303, 2008.
- OLIVEIRA, L. R. de. Capítulo IX: Carnívoros Marinhos. In: ROMAN, C.; WEBER, M. de M.; CÁCERES, N. C. (Org.). *Mamíferos do Rio Grande do Sul*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 407-429.
- OLIVEIRA, L. R. de. *Caracterização dos padrões de ocorrência dos pinípedes (Carnivora: Pinnipedia) ocorrentes no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil, entre 1993 e 1999*. 1999. 83 f. Dissertação (Mestrado em Biociências - Zoologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 1999.
- OLIVEIRA, L. R. de; HINGST-ZAHER, E.; MORGANTE, J. S. Size and shape sexual dimorphism in the skull of the South American fur seal, *Arctocephalus australis* (Zimmermann, 1783) (Carnivora: Otariidae). *Latin American Journal of Aquatic Mammals*, n. 4, v.1, p. 27-40, 2005.
- OLIVEIRA, L. R. de; HOFFMAN, J. I; HINGST-ZAHER, E.; MAJLUF, P.; MUELBERT, M. M. C.; MORGANTE, J. S.; AMOS, W. Morphological and genetic evidence for two evolutionarily significant units (ESUs) in the South American fur seal, *Arctocephalus australis*. *Conservation Genetics*, Switzerland, n. 9, p. 1451-1466, 2008b.
- OLIVEIRA, L. R. de; OTT, P. H.; MALABARBA, L. R.. *Ecologia alimentar dos pinípedes do sul do Brasil e uma avaliação de suas interações com atividades pesqueiras*. In: REIS, N. R. dos; PERACCHI, A. L.; SANTOS, G. A. S. D. dos (Org.). *Ecologia de Mamíferos*. Londrina: Technical Books, 2008a. p. 97-116.
- OLIVEIRA, M. S. C. de. Distribuição espacial de sambaquis em Joinville-SC: exercício geoestatístico preliminar sobre a variação morfométrica dos sítios. *Revista Paranaense de Geografia*, Curitiba, n. 1, p. 17-27, 1996.
- OLSEN, S. L.; OLSEN, J. W. A comment of nomenclature in faunal studies. *American Antiquity*, Washington, n. 46, v. 1, p. 192-194, 1981.

- PAGLIA, A. P.; FONSECA, G. A. B. da; RYLANDS, A. B.; HERRMANN, G.; AGUIAR, L. M. S.; CHIARELLO, A. G.; LEITE, Y. L. R.; COSTA, L. P.; SICILIANO, S.; KIERULFF, M. C. M.; MENDES, S. L.; TAVARES, V. da C.; MITTERMEIER, R. A.; PATTON, J. L. 2012. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil / Annotated Checklist of Brazilian Mammals. 2ª Edição / 2nd Edition. *Occasional Papers in Conservation Biology*, Virgínia, n. 6, p. 1-76, 2012.
- PAPAVERO, N. *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica*. UNESP: São Paulo, 1994.
- PEREZ GARCIA, M. I. Osteología comparada del esqueleto postcraneano de dos géneros de otariidae del Uruguay. *Boletín de la Sociedad Zoológica Uruguaya*, Montevideo, n. 2, v. 14, p. 1-16, 2003.
- PINEDO, M. C. Ocorrência de Pinípedes na Costa Brasileira. *Garcia de Orta, Série Zoologia, Lisboa*, n. 2, v. 15, p. 37- 48, 1990.
- PINEDO, M. C.; ROSAS, F. C. W.; MARMONTEL, M. *Cetáceos e Pinípedes do Brasil. Uma revisão dos registros e guia para identificação das espécies*. Manaus: UNEP/FUA, 1992.
- PROCKSCH, N.; GRANDI, M. F.; OTT, P. H.; GROCH, K.; FLORES, P. A. C.; ZAGONEK, M.; CRESPO, E. A.; MACHADO, R.; PAVEZ, G.; GUIMARÃES, M.; VERONEZ, M.; OLIVEIRA, L. R. The northernmost haulout site of South American sea lions and fur seals in the western South Atlantic. *Scientific Reports*, n. 10, 2008. 2020.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1992.
- PROUS, A.; PIAZZA, W. Documents pour la préhistoire du Brésil Méridional: l'etat de Santa Catarina. *Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, Paris, n. 1 p. 178, 1977.
- REIS, N. R. dos; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. de (Org.). *Mamíferos do Brasil – 1a ed*. Londrina, SEMA/SETI/UUEL/UNIFIL/PPG Ciências Biológicas UEL/EDIFURB/Schering-Plough, 2006.
- REIS, N. R. dos; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. de (Org.). *Mamíferos do Brasil – 2a ed*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina (UEL)/PPG Ciências Biológicas UEL/UFRRJ/UNESP/CAPES/FAPERJ, 2011.
- REITZ, E. J.; WING, E. S. *Zooarchaeology*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- RENFREW, C.; BHAN, P. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. Madrid: Akal, 1993.
- RICE, D. W. 2008. Classification (Overall). In: PERRIN, William F.; WURSIG, Bernd; THEWISSEN, J. G. M. (Org.). *Encyclopedia of Marine Mammals*, 2 ed. New York, Academic Press, 2008. p. 234-238.
- ROGGE, J. H. Os Sítios Arqueológicos Estudados no Litoral Central. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 63, p.133-177, 2006.
- ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. 2010. Projeto Arroio do Sal: a ocupação indígena pré-histórica no litoral norte do RS. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 68, p. 167-225, 2010.
- ROSA, A. O. 1996. Análise dos restos faunísticos do sítio arqueológico da Itapeva (RS-LN-201), município de Torres, RS: segunda etapa de escavação. *Documentos: Arqueologia do Rio Grande do Sul*, Brasil, São Leopoldo, n. 06, p.157- 164, 1996.
- ROSA, A. O. Panorama e perspectivas da zooarqueologia brasileira. In: ACOSTA, A.; LOPONTE, D.; MUCCIOLO, L. (Org.). *Temas de Arqueología: estudios tafonómicos y zooarqueológicos (I)*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 2008. p. 133-152.
- ROSA, A. O.; JACOBUS, A. L. 2009. Registro de mamíferos em sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul, Brasil. In: RIBEIRO, A. M.; BAUERMAN, S. G.; SCHERER, C. S. (Org.). *Quaternário do Rio Grande do Sul: integrando conhecimentos*. Sociedade Brasileira de Paleontologia, Porto Alegre, RS. p. 233-242.

- SAKAGUCHI, T. Refuse patterning and behavioral analysis in a pinniped hunting camp in the Late Jomon Period: A case study in layer V at the Hamanaka 2 site, Rebun Island, Hokkaido, Japan. *Journal of Anthropological Archaeology*, Amsterdã, n. 26, p. 28-46, 2007.
- SAN ROMÁN, M. La explotación de recursos faunísticos em el sitio Punta Santa Ana 1: estratégias de subsistência de grupos de cazadores marinos tempranos de Patagonia Meridional. *Magallania*, Chile, n. 38, v. 1, p.183-198, 2010.
- SANFELICE, D.; FERIGOLO, J. Estudo comparativo entre os sincrânios de *Otaria byronia* e *Arctocephalus australis* (Pinnipedia, Otariidae). *Iheringia, Zoologia*, Porto Alegre, n. 98, v. 1, p. 5-16, 2008.
- SCHIAVINI, A. Los Lobos Marinos Como Recurso Para Cazadores-recolectores Marinos: El Caso De Tierra Del Fuego. *Latin American Antiquity*, Washington, n. 4, v. 4, p. 346–366, 1993.
- SCHMITZ, P. I.; BITENCOURT, A. L. V. O sítio arqueológico de Laranjeiras I, SC: Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 53, p. 13- 76, 1996.
- SCHMITZ, P. I.; DE MASI, M. A. N.; VERARDI, I.; LAVINA, R.; JACOBUS, A. L. O sítio arqueológico Armação do Sul: Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 48, p. 11-220, 1992.
- SCHMITZ, P. I.; VERARDI, I.. Cabeçudas: um sítio Itararé no litoral de Santa Catarina: Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 53, p. 125-181, 1996.
- SCHMITZ, P. I.; VERARDI, I.; DE MASI, M. A. N.; ROGGE, J. H.; JACOBUS, A. L. O sítio da Praia de Laranjeiras II - Uma aldeia da tradição ceramista Itararé: Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo, n. 49, p. 7- 181, 1993.
- SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO J. P. *Os ecossistemas costeiro e marinho do extreme sul do Brasil*. Rio Grande: Ecoscientia, 1998.
- SEPÚLVEDA, K. C. *Anatomia compara del esqueleto apendicular de dos espécies de otarideos, Otaria flavescens (SHAW, 1800) y Arctophoca australis gracilis (ZIMMERMAN, 1783)*. 2013. 96 p. Monografia (Licenciatura Biologia Marinha) - Universidad Austral de Chile, Escuela de Biologia Marina, Valdivia, 2013.
- SHIPMAN, P.; FOSTER, G.; SCHOENINGER, M. Burnt bones and teeth: an experimental study of color, morphology, crystal structure and shrinkage. *Journal of Archeological Science*, Atlanta, n. 11, p. 307-325, 1984.
- SILVA, K. G. da. 2004. *Os Pinípedes no Brasil: ocorrências, estimativas populacionais e conservação*. 2004. 242 p. Tese (Doutorado em Oceanografia Biológica) – Curso de Pós-Graduação em Oceanografia Biológica, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2004.
- SILVA, K. G. da; ARAÚJO, T. G. de; CRIVELLARO, C. V. L.; MENEZES, R. B. *Os mamíferos marinhos no Litoral do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: NEMA, 2014.
- SIMÕES-LOPES, P. C.; DREHMER, C. J.; OTT, P. H. Nota sobre os Otariidae e Phocidae (Mammalia: Carnivora) da costa norte do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, Brasil. *Biociências*, Porto Alegre, n.3, v. 1, p. 173-181, 1995.
- SOUZA, A. M. de. 1997. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.
- TARNAWSKI, B. A; FLORES, D.; CASSINI, G.; CAPPOZZO, L. H. A comparative analysis on cranial ontogeny of South American fur seals (Otariidae: *Arctocephalus*). *The Linnean Society of London: Zoological Journal of the Linnean Society*, London, n.173, p. 249–269, 2014.
- TERREROS, J. Y. S. de los. *Tafonomía Aplicada a Zooarqueología*. Madrid: UNED, 2013.

- TIBURTIUS, G.; LEPREVOST, A.; BIGARELLA, J. J. Sobre a ocorrência de bula timpânica de baleia e artefatos derivados dos sambaquis nos estados do Paraná e Santa Catarina. In: BIGARELLA, J. J.; TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; LEPREVOST, A.; SOBANSKI, A. (Org.). *Sambaquis*. Curitiba: Posigraf, 2011. p. 205-2016.
- VILLWOCK J. A. Costa Brasileira: Geologia e Evolução. In: III SIMPÓSIO DE ECOSSISTEMAS DA COSTA BRASILEIRA - SUBSÍDIOS A UM GERENCIAMENTO AMBIENTAL, 2000. *Anais...* ACIESP, São Paulo, 3 (87): 1-15.p.
- VILLWOCK, J. A.; TOMAZELLI, L. J. *Geologia costeira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CECO/IG/UFRGS, 1995.
- WILLEY, G.; PHILLIPS, P.. Method and Theory in American Archeology II: Historical Developmental Interpretation. *American Antropologist*, Pennsylvania, n. 57, v. 4, p. 723-819, 1955.

APÊNDICE – QUADRO COMPARATIVO DE CARACTERES OSTEOLÓGICOS OBSERVADOS NOS REMANESCENTES FAUNÍSTICOS ENTRE OS GÊNEROS *Arctocephalus* E *Otaria* COM BASE EM PÉREZ GARCÍA, 2003.

ELEMENTO	Táxon	
ESCÁPULA	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Carácter		
ângulo anterior	marcadamente suave ou ausente	fortemente marcado a ser retilíneo
espinha secundária	marcadamente curvada	fortemente retilínea
espinha secundária e espinha escapular	paralelas no sentido da margem dorsal	divergentes no sentido da margem dorsal
borda livre da espinha escapular	borda ondulada	borda retilínea
ELEMENTO	Táxon	
ÚMERO	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Carácter		
superfície plana ou triangular em vista cranial do tubérculo maior	com forma triangular	com forma plana ou côncava
limite da superfície articular da cabeça do úmero, em vista caudal	segue na direção da base do tubérculo maior	mais próximo a cúspide do tubérculo maior
convexidade do limite da superfície articular, em vista caudal	proximal: junto ao lábio interno da tróclea distal: junto ao lábio externo da tróchlea	proximal e distal não se diferenciam
ELEMENTO	Táxon	
ULNA	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Carácter		
parte medial da incisura troclear	bastante côncava	pouco côncava
borda proximal da parte lateral em relação a borda proximal da parte medial da incisura troclear	distal em relação ao parte medial, não há alinhamento	ao mesmo nível, há alinhamento
área não articular entre o limite lateral da incisura troclear e radial	sim, presente	não, ausente
posição da crista em vista lateral do tubérculo do oléocrano	mais afastado do extremo caudal do oléocrano	mais próxima do extremo caudal do oléocrano
ELEMENTO	Táxon	
RÁDIO	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Caracter		
tuberosidade do rádio	bem desenvolvido e com depressão associada	pouco desenvolvido, sem depressão associada
ELEMENTO	Táxon	
PÉLVIS	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Caracter		
superfície da borda do corpo ósseo do ílium ocupada pela área medial do músculo reto do fêmur	área maior, mais desenvolvida, bem rugosa	área menos e menos desenvolvida, pouca rugosidade

ELEMENTO	Táxon	
FÊMUR	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Caracter		
projeção caudal do trocantes maior, em vista caudal	bem acentuado	pouco acentuado
borda distal da trochlea do osso femural, em vista caudal	borda pouco marcada	borda bem marcada
depressão na face medial do côndilo medial	presença de depressão no côndilo	sem depressão no côndilo
ELEMENTO	Táxon	
TÍBIA	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Caracter		
curvatura na porção proximal, em vista medial	curvatura pouco acentuada	curvatura bem acentuada
ELEMENTO	Táxon	
CALCÂNEO	<i>Arctocephalus</i>	<i>Otaria</i>
Caracter		
limite da face dorsal da apófise lateral em posição medial no ponto mais externo da apófise	não possui limite junto a apófise	possui limite junto a apófise
área medial da face articular cubóidea	marcadamente saliente	se projeta externamente